

# AUTORES & LIVROS

26-3-1948  
Ano VIII

Director e redactor: MUCIO LEÃO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SÉRGIO R. VELLOZO.  
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 9  
Vol. IX

## NOTICIA SOBRE QUIRÍCIO CAXA

Pela primeira vez, cremos, o nome desse jesuíta aparece ilustrando uma história da literatura brasileira. E a razão dessa omissão tem sido dupla: primeiro, o trabalho que daria título a Quirício Caxa de figurar entre os nossos cronistas da primeira hora do Brasil só agora foi convenientemente divulgado; segundo, Quirício Caxa é nascido em Espanha.

Com relação ao primeiro aspecto, seria óbvia qualquer palavra ou observação nossa. Com referência ao segundo aspecto,

### BIBLIOGRAFIA DE QUIRÍCIO CAXA

Conhecem-se de Quirício Caxa os seguintes trabalhos:

— *José de Anchieta*. É uma biografia. Foi mandada escrever pelo Provincial Pedro Rodrigues.

Foi editada pelo Padre Serafim Leite, na revista portuguesa *Broteria*, e tirada em separado. Dessa separata é que veio a edição promovida por Antonio Simões dos Reis, da qual fazemos uso para a nossa publicação.

— *José de Anchieta por Quirício Caxa*. Coleção Brasileira de Divulgação. Série I — Biografia n.º 2 — Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde. Imprensa Nacional, Rio, 1940, 41 págs.

— *Erre e Relação*. Foi também mandada escrever pelo Provincial Pedro Rodrigues. — *Se o pai pode vender o seu filho e se um se pode vender a si mesmo*. Esse trabalho foi publicado no *Jornal do Comércio* desta Capital pelo Padre Serafim Leite, a 20 de novembro de 1936. Figura nas *Novas Cartas Jesuíticas* desse autor (Brasiliense, vol. 194, pp. 113 e 114).

Traza a página de Caxa e a resposta que a Caxa enviou Nohrega.

porém, esta merece uma observação: é a de que tão estranho quanto Quirício Caxa, nascido em Espanha, é, por exemplo, Anchieta, nascido em Tenerife.

Cumpre alegar, em favor de Quirício que ele viveu trinta e seis anos da sua vida no Brasil. Foi aqui professor dos mais eminentes da época, catequista e naturalmente pregador. E aliagou-se, além do mais, o verdadeiro interesse biográfico, histórico, e até mesmo literário e poético, das comovidas páginas que ele dedicou a Anchieta.

E, pois, em atenção a todos esses elementos, que incluímos o seu nome entre os dos escritores marcantes da primeira fase da vida do nosso país. Damos ao esculpador de Anchieta um lugar ao lado do maravilhoso amigo dos índios. Ficará, assim, o biógrafo ao lado do seu biografado. É uma homenagem, e é um ato de justiça.

Quirício Caxa nasceu em Cuenca, Espanha, e entrou para a Companhia de Jesus em 1559. Em 1563 embarcou para o Brasil, e não tardou a entregar-se ao ministério da pregação. Dois anos depois, era leitor, no Colégio, de casos de consciência. Em 1572, além dos casos de consciência, ensinava teologia.

Seu prestígio era grande e sólido na Companhia, de tal forma que se afirmava em Lisboa, depois da morte de Nóbrega, só um sacerdote havia no Brasil apto a resolver casos de contratos e questões difíceis: era o Padre Quirício Caxa.

A 1 de janeiro de 1574, com a presença dos dois governadores do Brasil, D. Luiz de Brito de Almeida, e Dr. Antonio Salema, fez Quirício Caxa profissão de quatro votos. Durante a ausência do Padre Grego-

rio Serrão, que fora à Europa, ocupou ele o cargo de vice-reitor do Colégio da Baía. Tão prudente era o seu parecer, que com ele se aconselhava o visitador Cristóvão de Gouveia.

O fim da vida de Quirício Caxa foi triste, ensombrado por dores e doenças. Supunha-se pouco estimado do Provincial Pero Rodrigues, e isso agravava seus sofrimentos. Contudo essa impressão devia de ter sido errônea, pois, o Provincial lhe dava trabalhos delicados que revelavam a confiança que depositava nele, como a redação da biografia de Anchieta.

Faleceu o Padre Caxa na Baía à 18 de Fevereiro de 1599. "Foi de fato (diz o Padre Serafim Leite) exemplar, correto, e um dos professores mais assíduos da Companhia".

### FONTES SOBRE QUIRÍCIO CAXA

O nome de Quirício Caxa não ocorre na grande fonte de informações bio-bibliográficas que tanto serve a Portugal e ao Brasil: o *Dicionário de Inocência*. Tão pouco ocorre (nem poderia ocorrer) no *Dicionário Bio-Bibliográfico de Sacramento Blake*. A fonte de que nos servimos para a reconstituição da vida do ilustre Jesuíta foi a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do Padre Serafim Leite. A notícia biográfica que encontramos relativamente ao Padre Caxa, no volume primeiro, pág. 65, daquela obra, é, cremos, a fonte única de que podemos dispor, no que se refere ao simpático biógrafo de José de Anchieta.

Outras fontes sobre Quirício Caxa encontram-se nos dois livros do Padre Serafim Leite: — *Páginas da História do Brasil* (Brasiliense, vol. 93); — *Novas Cartas Jesuíticas* (Brasiliense, vol. 124).

de Maria de Sá. Liv. Globo — 1933.

— *Colóquios com Mussolini*. Liv. Globo, 1933.

— *Napoléon* — Livraria Globo, 1932. Prefácio de Henry Bidou. Trad. rev. por Mario de Sá, 462 ps., 3.ª ed. Livraria Globo, 1947.

— *Stimarek* — Liv. Globo, 1933.

— *Guilherme II* — Trad. de Alvaro Franco — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

— *Cleopatra* — Trad. de Costa Neves — Ed. O Cruzeiro — Rio, — 2.ª ed. Rio, 1945.

— *4 Ditadores* — Trad. de Casemiro Fernandes e Herbert Carr — Vol. 8 da coleção Documentos de Nossa Época. — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1940, 221 ps.

— *O Mediterrâneo: destino de um Oceano* — Trad. de Almir de Andrade — Livraria José Olímpio — Rio, 1943.

— *Batizar, Cavaleiro da Glória e da Liberdade* — Livraria do Globo, Porto Alegre, 1944.

— *Da vida e do amor*. Ensaios. Trad. O. Duarte, 226 ps. Ed. Científica.

— *Lincoln*. Liv. Globo.

COLEÇÃO BRASILEIRA DE DIVULGAÇÃO  
Série I Biografia N.º 2

## José de Anchieta

POR

QUIRÍCIO CAXA

S. D. do M. E. S.

1946

Página de rosto do livro de Quirício Caxa "José de Anchieta" — edição do Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1946.

## SUMÁRIO

PÁGINA 101:

- Notícia Sobre Quirício Caxa.
- Bibliografia de Quirício Caxa.
- Fontes sobre Quirício Caxa.
- Emil Ludwig.

PÁGINAS 102 E 103:

- José de Anchieta, por Quirício Caxa.

PÁGINA 104:

- Romário Martins.

PÁGINA 105:

- História do Jornalismo no Brasil: Francisco de Sales Torres Homem.
- As Condecorações, por Francisco de Sales Torres Homem.
- Bibliografia de Francisco de Sales Torres Homem.

PÁGINAS 106 E 107:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Primeira Série — Poesia. — Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.
- Notícia Sobre Ana Amélia.
- Bibliografia de Ana Amélia.
- Algumas fontes sobre Ana Amélia.

- Uma Vida.
- A Harmonia das Coisas e dos Seres.
- Soneto para a morte.
- Mai de Amor.
- Serenidade.
- Amor.
- Bois.
- Humanidade.
- Aos meus versos.
- A Felicidade (Heredia).
- Flor secular (Heredia).
- Um segredo (Felix d'Arvora).
- O remo quebrado (Longfellow).
- Os Poetas (Longfellow).
- A eterna canção (Ronsard).
- Descendo o Rio Doce.
- Autógrafo de Ana Amélia.

PÁGINA 108:

- Canto V do "Inferno" de Dante — Tradução de Dante Milano.

PÁGINA 109:

- O Amazonas, de Ester Leão da Cunha Melo.

PÁGINAS 110 E 111:

- A Vida dos Livros.
- O Corvo — V — Tradução de Cinagnolle Doria.
- Tradução de João Kopke.

PÁGINA 112:

- Poesias de Olavo Bilac (inéditas).

## AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje raramente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Foca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (8-8-1948).

## EMIL LUDWIG

Ans. 68 anos de idade faleceu em Aachen, na Suíça, o escritor Emil Ludwig. Chamava-se, em verdade, Cohn, e era filho de judeus. Adotara a crença cristã, e com ela o nome cristão, que usou, e com o qual se tornou célebre. Contudo, ao ser assassinado o ministro do Exterior da Alemanha Walter Rathenau, que era judeu, Ludwig voltou à Sinagoga.

Durante a primeira guerra mundial serviu como correspondente de guerra em várias capitais; na segunda, sabendo o quanto os nazistas estimariam apanhá-lo e metê-lo em seus abomináveis campos de concentração, fugiu para os Estados Unidos. Residiu aqueles tormentosos anos na Califórnia, e só regressou à Suíça (cuja nacionalidade obtivera) depois de concluída a paz. Era ardente pacifista, esse escritor que poderia reivindicar para si o título não de cidadão suíço, porém de cidadão do mundo.

Ao mundo inteiro pertenceu, e não a uma pátria restrita. Pertenceu ao mundo, por essa infinita curiosidade de coração

e de sensibilidade, que o levou a biografar em seus livros figuras pertencentes a todos os povos e a todas as épocas. E pertenceu-lhe, sobretudo, por essa insaciável ansia de ver todas as paisagens, de auncular incessantemente a alma coletiva de todas as nacionalidades, que foi a sua.

Como Stefan Zweig, Ludwig se impôs a todos os meios espirituais do mundo por ser o mestre consumado do gênero biográfico. E' nessa posição — a do mais exímio biógrafo das grandes figuras históricas — que o havemos sempre de ler e de amar.

Ludwig teve ocasião de visitar o Brasil em 1936, sendo a 30 de setembro daquele ano recebido em sessão pública pela Academia Brasileira de Letras e saudado por Claudio de Souza.

Pode-se dizer, sem exagero, que cada uma de suas obras constitui um êxito de livraria. Para a nossa língua estão traduzidas, entre outras, as seguintes:

— *Julho de 1814* — Trad.





# José de Anchieta, por Quirício Caxa

São Vicente fazer uma entrada aos caridosos, fizeram dois navios prontos. Acusou o Pe. José e publicamente repreendeu a todos pelas muitas injustiças que contra os pobres índios se haviam de cometer, mas eles foram por diante com sua viagem, mas ele e todos a ponte se perderam.

## DE COMO FOI AO SERTÃO EM BUSCA DE UM HOMENS ALEVANTADOS

### CAPÍTULO 8

Como a caridade do Pe. José era universal, não se contentava com acudir aos índios mas a toda a necessidade de seus próximos se estendia sobre o mundo como corporal. Havia na capitania de São Vicente uns mestres, ou marmalecos, com medo do castigo por algumas graves culpas, que tinham cometido no sertão com mulheres e filhos e mais famílias. Eram eles valentíssimos homens, grandíssimos linguas e de consciência mol róis e entregadas pelo que se temia que apedregando se o gentio a destruir a São Vicente e as mais povoadas de portugueses. Vendo isto o Pe. José e que não havia forças humanas para suportar estes males, decidiu-se juntamente da permissão de suas almas, se ofereceu a os ir buscar e trazer levados para isto perdêssemos do pagado.

Foi com ele o Pe. Vicente Roca e outros não os poucos homens. E como Deus com sua infinita subordinação e que no caminho havia de acontecer, proveu logo de remédio movendo um índio que se fosse com eles tendo-lhe apiedado naquele dia um filho, que o tempo era que eles por nenhum modo saem de suas casas, e não têm muito agouro. Mas por isso tudo rompeu movido pelo que só podia mover-lhe a vontade de como Senhor absoluto dela. Tendo pois andado oito jornadas, indo por um rio abaixo numa canoa de casca, chegando perto de uma cachoeira, ali se deteve, que fazia a água, com a força da corrente dela por ela e nunca mais apareceu nem coisa que fosse dela. Em a este tempo os portugueses os havia de acompanhar, mas para maior glória sua foi servida dar-lhes este maior trabalho. Todos foram no fundo, que seria de altura de quatro ou cinco braças, mas todos saíram a nada, só o Pe. José não aporecia. Andou este índio de que nem a fadiga muito tempo de baixo da água em sua busca e não o achando se veio para cima a tomar fôlego e a descansar. Mas não lhe sofrendo o coração que o Pe. ficasse ali sem saber que era feito dele, tornou com grande esforço a mergulhar e teve o Senhor por bem que depois do bem espaço deu com ele no fundo, pegou-lhe do tato e trouxe para cima vivo e são. Alegria que Deus a todos deu com este bom sucesso foi bastante para temperar a tristeza passada. O Pe. quando estava no fundo não se preocupava com o sentimento, antes se guardou de beber água, e sempre chamou por Santa Maria, Jesus. Estava tanto em seu acórdio que não afezou com o mar, porque não se cedesse a afogarem-se ambos, como as vezes acontece; mas deixou-se levar por donde dele afezou.

Não se acabaram aqui os trabalhos daquele dia porque era já noite e chovia e achou-se nos matos mais espessos, sem fado para mudar, nem mantimento para comer, nem fogo para se aquecer, nem uma churra para se meter, nem caminho que pudesse seguir; mas como Deus, ainda que prove seus servos todavia não nos desampara nas tribulações, assim, as malandras, foram dar nas cascas daqueles homens que iam buscar, os quais vendo os perigos daquela feição, de tal maneira lhes moveu o coração que se chegaram aos pés do Pe. dizendo: ainda que nesta penhora abrangemos a V. R. E. provendo-se de todo o necessário, os apascentamos com muita caridade e caridade, e logo se resolveram de se ir com ele, como de feito vieram, posto que um deles no caminho se começou a arrepender. Mas a muita bondade do Pe. e grande persistência, ajudando o irmão, foi bastante para com eles chegar a salvamento em São Vicente. Por estas coisas e outras em o Pe. surtadas e narradas, como venhamos por de todos, e por tal era tido e reverenciado assim de índios como de portugueses.

## DE COMO FOI FEITO PROVINCIAL

### CAPÍTULO 9

Estado N. Pe. Evaristo Merculiano, de boa memória inteiramente informado e satisfeito das muitas partes que concorriam no Pe. José para se lhe poder entregar seguramente o cargo desta Província, deu-lhe o por provincial, sendo mandado ir, sua, para ao Pe. João. Tendo, que achou de o ser, que não entregou, o que lhe fez no ano de 73. E foi o

3.º provincial do Brasil, contando por 3.º o Pe. Inácio de Azevedo, que vinha por provincial, quando o Senhor lhe fez morte que derramasse seu sangue por sua fé juntamente com seus companheiros.

Andava a esta tempo o Pe. José dando remédio a muitos índios que andavam ali, que passavam Deus o quis tirar como outro David do meio de suas orelhas para lhe dar cargo doutras mais racionais e de quem ele mais se servia. Estava ali assediado sobre um tico confesando uma índia doente. Quil o senhor da povoada dar-lhe outra colina em que se assestasse, que não quis aceitar, dizendo que antes que acabasse aquela confissão lhe haviam de trazer outro assento de menos gosto seu. E assim foi, porque antes de acabar chegou o barco em que o chamavam para lhe entregar o cargo.

Posto no cargo, que aceitou com muito sentimento e angústia do seu coração, não mudou nada de seu modo de viver, e acostumado, nem para com os índios, nos quais sempre ouvia a pé e descalço, todas as viagens que fez por mar, sempre nas bordas de seu alio, nem no tempo de sua pregação, que sempre foi abastado e baixo e pouco oneroso a seus irmãos, como se dirá em seu lugar. Em todas as viagens que fez por mar, que todas a noite vigiava, não por medo que tivesse, que assim era animoso e intrepido, senão porque os males dormiam descançados. E quando o tempo se gastava em contínua oração. Uma vez, tendo já posto o alio na cabeça, e começando a tomar a alva, veio-lhe o alio o portador que um homem lhe queria falar. Tornou a tirar o alio, dizendo: melhor é a misericórdia que o sacrifício. E depois veio a dizer a missa. O que aqui se podia dizer de humildade, humildade, caridade que governou, benevolência no seu próprio lugar, pois estas virtudes e as mais não foram nele menos no tempo de seu governo, senão acostumadas em todo o tempo de sua vida. Teve o cargo por de sete anos.

## DAS LETRAS E POLÍTIPO QUE TEVE O Pe. JOSE

### CAPÍTULO 10

O Pe. José não teve mais estudo do que teve antes de entrar na companhia. Mas contudo teve suficiente doutrina, não somente para entender, mas também para resolver qualquer questão das ordinárias da teologia, assim espolhando com moderação para poder pregar, sem perigo de dizer alguma dissonância. Para o qual além de ter maravilhoso natural se ajudou muito da compreensão do Pe. Nóbrega e do Pe. Luís da Cruz. Também o ajudou muito a diligência e estudo que pôs para fazer o Diálogo da Fé, no qual se tratavam as principais matérias da teologia, e se resolviam suas dificuldades com tanta oração, como se fizera para os japões. Recopilou também com muita facilidade sobre De Just. et Ver. e duas tomos de sacramental do mesmo, apontando em seus lugares os doutores e opiniões que se encontravam com ele.

Na Escritura sagrada teve muita notícia, e a tratava frequentemente em suas pregações e em a pregação por ter felicíssima memória. Aconteceu-lhe muitas vezes reduzir a um que se tinha saído da companhia, por ter muito boas partes para ela, escrever-lhe uma carta toda de autoridade da Escritura sem nenhuma palavra sua, mas tão travada e encorajada e tão a provando umas doutrinas, e tão acomodadas no que pretendia, que não parecia senão carta feita dos próprios conceitos. Esta mesma notícia da Escritura e uso dela se vê bem na vida que fez de N.º 84, em versos elegíacos.

A sua pregação mais cheirava a muita oração, contemplação e muita íntima comunicação com Deus, que a muito estudo por livros, mas como tinha o entendimento ali muito cheio de conceitos nobilíssimos e delirados, e com tal segurança de uma coisa, que era a que ele pretendia ensinar, o auditorio e a devoção, acompanhando de seus pecados e ligaduras, absterimento de vícios, e amor de virtudes, e frequência dos sacramentos, confissão e arrependimento, e exercício de toda a obra de virtude, outra que ele não buscava admiração a espanto popular, quase ninguém ali levava em "homem", coisa que somente ele próprio e se achava junta. Mas desta não fazia ele mais caso do que quanto ajudava ao estudo e autoridade com que ele dizia, fosse melhor recebido e com mais proveito das almas.

## DA MORTE DO Pe. JOSE

### CAPÍTULO 11

Teve sempre o Pe. José no Brasil acentos, causados com a raia da que teve em Portugal e do desencarnamento das coisas, e ajudadas nesta terra com os muitos trabalhos, frio, fome, cansaço e outras muitas incommodidades corporais. Mas com grande vigor do ânimo e força do espírito e idade, a todas contrariava a de abastado se deixava acobardar, nem se pôde, não que ajudando com elas a valência e muita idade o derribaram e venceram.

Estava na capitania do Espírito Santo, e achando-se já muito fraco, desejou que o levassem a alguma aldeia de seus queridos e amados índios. Parece que queria trazer a Deus o espírito, e as outras entre os quais havia ganhado, com os muitos trabalhos, grande parte da perfeição dela. Estando ali alguns dias, fazendo a doença alguns termos diferentes, até que, sendo o Senhor servido de lhe dar o dote de prêmio de seus trabalhos, que, por seu amor e das almas que ele criou e com seu sangue remiu, tinha em 44 anos de idade, morreu no dia 1.º de Junho de 1597.

Acharam-se a sua morte cinco padres dos que residiam nas aldeias, que logo entenderam em o levar a vila, tamentando de alguma notável corrupção, porque por alguns sinais que sua doença vinha, se tinha persuadido que tinha estado de latências a membros inferiores. Em sabendo os índios das aldeias de sua morte fizeram um grande pranto como seem fazer na morte de seus mais grandes principais. Porque bem entendiam que haviam perdido um pai que muito os amava e trabalhava muito por eles. Já não via se sabia sua morte e querendo o Senhor honrar seu servo com um nobre e solene enterroamento, causou um notabilíssimo abalo e movimento em toda a gente da capitania.

Acudiram ao Porto onde haviam de desembarcar com ele da passagem dum rio o Administrador com todos seus clérigos, os religiosos de São Francisco que ali têm casa, o provedor e irmãos da Santa Misericórdia, com seus bandeis e tomba ricamente ornada, todas as contrarias com sua caba e todos os mais da vila, altes e baixos, grandes e pequenos, homens e mulheres, escravos e livres. E com tanta pompa e honrada enterroamento, que era tudo o que podia dar a terra, o provedor e o provedor e irmãos mais nobres da Misericórdia em sua tumba até a

porta da igreja, onde os nossos Pe. a tomaram e o deixaram no lugar da sepultura. O Administrador com seus clérigos e os religiosos lhe fizeram o ofício com toda a solenidade e música, e ao outro dia lhe disseram a missa, e pregou o Administrador, dizendo dele muitas coisas de muito louvor, chamando-o Apóstolo do Brasil, e dizendo que bom pai e provedor haviam perdido com todos os índios como portugueses. Houve grandíssimo movimento de lágrimas em todos geralmente, assim no acompanhamento da praça como no ofício e pregação, porque de todos era geralmente amado e reverenciado, e muitos pela opinião grande que tinha de sua santidade, em vez de o encorajarem a Deus, se encorajavam a ele, que os favorecesse com Deus, tendo por certo que estava diante dele, gozando de sua glória. Morreu de idade de 64 anos dos quais serviu a Deus 47, e os 44 no Brasil.

## DE ALGUMAS VIRTUDES QUE MAIS SE ENCRERAVAM NO Pe. JOSE

### CAPÍTULO 12

Se é verdade que todas as virtudes andam juntas como boas irmãs, certo é que o Pe. José as teve todas e em muita perfeição, como no decurso desta relação em parte se tem mostrado. Mas contudo algumas foram dele mais abundantes e acastalhadas, das quais tocamos alguma coisa, com toda a brevidade.

ORAÇÃO — Dizendo primeiro da oração, dando elas todas se recombinam e têm sempre notável fructura, que é a oração e comunhão com Deus, da qual o Pe. José teve sempre muito uso, não só da ordinária da companhia, mas daquela que N.º Pe. finca descarta fosse e mais familiar nos necessos, que custada na contínua presença de Deus em todos os ofícios e exercícios, continua a quando de uma desejo e propósito de crescer sempre na perfeição. E verdade-

deiramente que sóra impossível levar o Pe. por tantos anos o plano de tão continuos trabalhos e incommodidades, como outro São Paulo, não comunicando Deus neste modo de ruído algumas maravilhas do primeiro que por isso lhe estava guardado.

Gastava muita parte da noite em tratar com Deus, não lhe sendo a sono impedimento pelo muito uso que tinha de vigiar a maior parte dela. Ela era sua companheira nos caminhos, sua consolação nos trabalhos, seu estímulo e alento para acudir aos seus santos marítimos e vicinos, por chuvas e calmas, com fome, frio, rascos e perigos da vida, as necessidades espirituais e corporais de seus próximos. Finalmente de tal tirava muita fructificação e suavidade no exercício de toda a virtude.

DEVOCÃO — Era muito devoto de N.º Senhor em especial de sua puríssima concepção, sempre aliada em versos elegíacos, onde bem se enxergam as suas almas abastadas e fervoroso amor para com ela. Foi também devoto dos santos marítimos e vicinos e de todos compunha himnos mais suaves e doctos. Sempre dava missa, e quanto o vigor do espírito podia mover o corpo, aliada em suas pregações e continas doutrinas, e quando não podia comungar, porque estivesse doentio da Santíssima Sacramentos, o que lhe fazia ser muito sinalista no sermão do Mandado.

CARIDADE — De sua caridade e amor de Deus e do próximo não se tem visto no passado. Era tão movido que muitas vezes lhe acontecia levantar-se de noite e alisar o fogo e batir brasa da boca das redas dos índios, com quem comunicava, estando eles dormindo. Daí também lhe procedia trabalhar muito, ainda que fosse com qualquer mais por isso da noite não trabalhava em fadiga, que por não acordar de noite em companhia com suas necessidades e a palavra em gemitos. Muitos vezes deixava de dormir de noite por vigiar e acudir às necessi-



MONUMENTO A ANCHIETA

Monumento a Anchieta, existente em Itanhem (ex Peruthe), S. Paulo. Itanhem é uma das localidades brasileiras que primeiro sofreram, em nosso país, o influxo dos Jesuítas.





# HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL

Francisco de Sales Torres Homem

Francisco de Sales Torres Homem nasceu no Rio de Janeiro a 29 de janeiro de 1812.

Doutorou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, e era seu propósito submeter-se a concurso para uma das cadeiras de professor nesse estabelecimento.

Iniciava-se, a esse tempo, nos trabalhos de imprensa, e de 1831 a 1833, foi redator de "O Independente".

Em 1833, esteve em Paris. E, enquanto se aperfeiçoava no estudo de algumas línguas estrangeiras, resolveu fazer o curso de Direito.

Foi ali, em companhia de Domingos Gonçalves de Magalhães, um dos redatores da revista "Niterói" (1836).

Voltando ao Brasil, foi admitido nos quadros da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, eleito membro do Conselho dessa associação e redator da revista que ela publicava. Vacillou, a princípio, pois essas distinções lhe tinham vindo sem aquiescência prévia de sua parte. Por fim, aceitou-as. E, então, abandonando de vez os planos de se fazer professor de Medicina, dedicou-se por completo à vida pública.

Desde então, tornou-se uma das figuras centrais dos cenários políticos e jornalísticos do Império.

Em 1837, funda o "Jornal dos Debates", e se declara em oposição a Feijó.

Em 1838 e 1839, achamo-nos na "Aurora Fluminense". De 1839 a 1840, achamo-nos em "O Despertador". Em 40 funda "O Minorista", folha em que propugna a tese da maioria do Príncipe D. Pedro.

Foi em virtude da clareza e da veemência das atitudes dessa folha que, dois anos depois, sobrevivendo os movimentos políticos de S. Paulo e Minas, Sales Torres Homem teve o seu nome arrolado entre os elementos mais perigosos, e se viu condenado à deportação.

Em 1845, foi eleito deputado por Minas Gerais à 6.ª Legislatura; em 1848, pelo Rio de Janeiro à 7.ª Legislatura.

São de 1848 e 1849 os seus dois trabalhos que ficaram mais célebres, na órbita dos escritos políticos.

O primeiro desses panfletos é o volumoso de 50 páginas, intitulado "A Oposição e a Coroa". Trata-se de uma resposta a um outro panfleto do desembargador Firmino Rodrigues Silva, que tinha como título — "Fação nula".

O segundo dos famosos panfletos de Torres Homem é o volume de 96 páginas, intitulado "Libelo do Povo", e assinado com o pseudônimo de Timandro.

O "Libelo do Povo" teve a sua história. Pertencia Torres Homem, em 1848, ao Partido Liberal, quando viu essa agremiação ferida pelo Governo do Império. Velou-lhe um insopitável desejo de vingança, e nas páginas assinadas por Timandro, o poderoso jornalista abriu o processo de Pedro II e da casa de Bragança. A obra teve, logo, um êxito incomparável. Em todas as Províncias, a imprensa a reproduziu. Em Lisboa apareceu duas edições do livro — uma em 68, outra em 70. No Rio, em 85 aparecia

uma edição comentada por Anfrísio Fialho.

Desse trabalho o Imperador e todos os seus guardaram o mais profundo ressentimento. Magnânimo, e talvez cético, Pedro II limitou por perdoar as diatribes de Torres Homem. Conta-se que, anos depois, tendo que partir para a Europa, o jornalista foi ao Paço despedir-se. O Imperador o recebeu afavelmente. Então, animado pela cordialidade da real acolhida, Timandro expressou o desejo de despedir-se também da Imperatriz. Respondeu-lhe Pedro II:

— Não pense nisso, senhor Sales. Eu sou homem, e posso esquecer e perdoar: não só posso, como devo. Sou brasileiro e sei que o Brasil precisa de homens como o senhor. Mas a Imperatriz é mulher e não esquece. Demais, embora brasileira, hoje, ela não se esquece de que é uma Bourbon, e de que nasceu na Itália. Não se despeça da Imperatriz. Eu buscarei que, com o tempo, ela lhe perdoe...

Continuando em suas atividades de jornalista, Torres Homem trabalhou ainda na "Minerva Brasileira"

se" e no "Correio Mercantil".

Nesta última folha, teve a companhia de José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco, e de José Maria do Amaral. Ali, em 1853, publicou os "Pensamentos acerca da conciliação dos Partidos" — série de artigos que lhe deu um fascículo de 28 páginas.

Pertencendo embora ao Partido Liberal, ele aderiu, nesses artigos, à tendência inaugurada pelo Marquês do Paraná, em favor da conciliação dos partidos. Propunha a tese em teoria, e a pôs em prática, ao aceitar um cargo de chefe de uma das diretorias do Tesouro Nacional. Tanto bastou para que os seus correligionários o agredissem violentamente, considerando-o um tráfugo. Simultaneamente, abria Torres Homem, no terreno financeiro, uma viva divergência com o chefe liberal Sousa Franco, a aceitava a orientação conservadora de Itaboraí.

Vi-se, assim, naturalmente expulso das fileiras liberais para as conservadoras.

Foi eleito, então, eplos

## AS CONDECORAÇÕES

(Sales Torres Homem)

Há tal cortejo, que até esta hora não concebeu ainda como podemos, durante dez anos, carregar o peso da existência, sem o rico manancial de vida que se contém nas condecorações e nos títulos. Mercê de Deus, vivamos incomparavelmente melhor sem isso, do que com isso, senhores fideles!

Falemos sério, pois realmente cuidais que graças aviltadas, prostituídas, vendidas por dinheiro contado, vendidas a pretexto de uma filantropia interessada, negociada e ajustada, e vendidas em troca de sorvetes e friandises oferecidos ao Imperador em viagens de recreio, produzam melhor efeito do que se inteiramente não houvesse o direito de dá-las?

Mas as graças, replicam eles, são moeda essencial para acoarçar as letras, recompensar serviços, promover o desenvolvimento das artes e excitar a dedicação militar.

Acoarçar as letras! Qual tem sido entre nós a pessoa, que a elocubração e trabalhos científicos devesse o ser condecorada? Há para a corte outra ciência prestimosa que não seja a de adular, mentir e oprimir o povo?

Recompensar serviços! Pode-se disto sem escárnio em um país em que José Bonifácio e Marim Francisco, sobre cujas cabeças venerandas resplandecia o astro do Ipiranga, baixaram no túmulo não trazendo sobre o peito mais que o hábito de Cristo do tempo colonial?

Essencial para as artes! Pois deversas a corte faz caso das artes? E precisam elas de suas bugigangas para florescerem? Havia rel, cortés e condecorações em Atenas, quando no meio das aplausos da multidão admirada, Zenxis ornava de suas páginas sublimes as

paredes do Parthenon, ou quando debaixo do cinzel de Fidias respalava a magestade viva dos deuses? Estava já por ventura instituída a legião de honra em França, quando o altivo gênio de David lançava as "Sabina" entre os dois exércitos, e pintava Leonidas moribundo nas Thermopylas? Foram moços da câmara os cavalheiros da Rosa os Ráphaelis, os Corregios e os Murillos?

Essencial para a dedicação militar! Mas não tinham hábitos e comendas os soldados de Maratona, de Salamina e de Platéia?

Não as tinham as famosas legiões que avassalaram o universo conhecido ao poder da República romana?

Não necessitou delas a Suíça para manter a independência dos seus rochedos, e resistir à ambição de seus poderosos vizinhos?

Não foram armados cavaleiros de ordem alguma os cidadãos dos Estados Unidos, que pelejaram pela emancipação do país em cem combates, bastando a veneração pública a esses homens singelos e grandes.

Na Inglaterra moderna raríssimos são os despachos de semelhantes enfeites; a honra e o patriotismo são ali aculeas da cidadã. No dia de Trafalgar, Nelson não exortava seus soldados dizendo — coragem, porque haveis de ser criados do pago e ter um habitinho. Dizia-lhes unicamente — a Inglaterra espera que cada um de vós fará a sua obrigação.

Era a imagem da pátria e não da corte que ele punha diante dos olhos da guarnição da sua armada invencível, era o sentimento do dever para com a terra natal que despertava e, não a cubia das frivolidades.

("Libelo do Povo" — por Timandro).

noves correligionários — era isso em 1857 — Deputado pelo Rio de Janeiro.

Acertou, no ano seguinte, fazer parte do Gabinete Abaeté, cabendo-lhe a pasta da Fazenda.

Mais tarde — em 1870 — foi eleito senador pelo Rio Grande do Norte.

No mesmo ano de 1870, no Gabinete do Visconde de S. Vicente, voltou à pasta da Fazenda. Teve papel de destaque para a consecução da grande lei que passou à história com o nome de "Lei do Ventre Livre".

Realmente, examinando o processo histórico dessa lei, Joaquim Nabuco, no "Estado do Império", assim distribui justos laureis: em primeiro lugar, a D. Pedro II; logo depois a Rio Branco; a seguir, a S. Vicente e Nabuco de Araújo; e, afinal, a Teixeira Junior, João Alfredo, Souza Franco e Torres Homem. Referindo-se, particularmente, à contribuição que para o debate deu este último — "um discurso com a forma ciceroniana do diálogo" — diz Nabuco: "Será (este discurso), o mais belo ornamento do debate, e servirá, decorado e repetido pelas novas gerações, de elo intelectual imaginativo entre a lei de 1871 e a de 1883".

Torres Homem exerceu, em várias fases da vida, outros cargos: como o de secretário de Legação e o de encarregado de Negócios em Paris; e o de presidente do Banco do Brasil. Foi, em 1866, conselheiro de Estado. Pertencia ao Instituto Histórico Brasileiro e ao Instituto Histórico da França.

Em 1872, por Decreto de 15 de outubro, foi-lhe concedido o título de Visconde de Imbomirim.

Faleceu em Paris, em 3 de julho de 1876.

M. L. 25-146.

## BIBLIOGRAFIA DE SALES TORRES HOMEM

- A oposição e a Coroa. Rio, 1848, 50 páginas. É um panfleto político, em resposta ao do desembargador Firmino Rodrigues da Silva, "Fação Nula".
- Libelo do Povo, por Timandro. Rio, 1849, 96 páginas, in 8.º. Teve numerosas outras edições, no Rio e em todo o Império.
- Pensamentos acerca da Conciliação dos Partidos. Rio, 1853, 38 págs., in 4.º p. de 2 colunas. São artigos antes publicados no Correio Mercantil.
- Questões sobre impostos — Rio, 1856, 16 págs., in 8.º.
- Ao Partido Constitucional. (Pernambuco, s.d.) 38 páginas in 12.º.
- Relatório apresentado à Assembleia Geral dos acionistas do Banco do Brasil (1867, 1868, 1869). Rio, 1867 a 1869. 3 vols. in folio de 18, 21 e 17 págs. com mapas e documentos.
- Elemento Seráfico. Discurso pronunciado na sessão de 5 de setembro de 1871. Rio, 1871, 15 págs. in 4.º.

## FONTES SOBRE F. DE SALES TORRES HOMEM

- Argen Guimarães — Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro.
- Enciclopédia e Dicionário Internacional.
- Henrique Fardig — Dicionário Universal da Literatura.
- Inocêncio — Dicionário bi-

## CICERO DIAS

Visitou o Rio de Janeiro o grande pintor moderno Cicero Dias. Fizera uma exposição de seus quadros em Pernambuco, e obteve o maior êxito. Vindo para o Rio, aqui fez também uma exposição de seus principais trabalhos. O salão da Escola de Belas Artes, onde se realizou a sua exposição, esteve sempre cheio de pessoas que se interessam pela pintura moderna. Muitas dessas pessoas — é claro — têm um interesse por assim dizer negativo, pois, como se sabe, a arte abstrata e arbitrária de Cicero Dias é o que pode haver de mais desorientante para os admiradores da pintura regular e bem comportada.

## ANIBAL MACHADO E PERNAMBUCO

Recentemente — por motivo da inauguração da exposição de pintura de Cicero Dias — o escritor Anibal Machado foi passar alguns dias no Recife. João Terna voltou da capital pernambucana encantado com o ritmo de progresso e de cultura que ali observou.

## As publicações seguidas de Autores e Livros

Alem da História da Literatura Brasileira, parte principal desta revista, das Antologias da Literatura Brasileira Contemporânea, em verso e prosa, da Figueira dos Autores Novos e de A Vida dos Livros, seções constantes, que remontam à primeira fase de AUTORES E LIVROS, temos em nossas páginas várias outras publicações em caráter contínuo. São elas:

- Cronologia da Literatura Brasileira.
- Traduções d' "O Corvo", de Edgar Poe.
- Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha.
- Poemas inéditos de Bilac.
- Album de Guignard. (Desenhos).

## ROMARIO MARTINS

(Continuação da página 104) tarina, demonstrada na geografia política do sul do Brasil — 1910.

- Documentos Comprobatórios dos Direitos do Paraná na Questão de Limites com Santa Catarina, 2 volumes, cobrindo 47 documentos obtidos por certidão do Arquivo Público de São Paulo. Com a reprodução de um antigo planisfério elucidativo da divisão "do arbo gentílico" entre Portugal e Espanha. — 1915.
- O que eu faria se fosse advogado, rascunho de embargos à sentença do Supremo Tribunal Federal na questão dos limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. — 1915.
- O que é o Paraná (3 edições) — 1915.
- O Livro do Mato, estatístico histórico, botânico e estatístico da erva mate — 1918.
- Alguns Aspectos do Paraná — 1918.
- A Desastosa dos Pinheiros e a Florestação Industrial do Paraná — 1910.
- Como se fez a nossa Independência — 1920.
- Mapa do Estado do Paraná, na escala de 1:100000, abrangendo o Estado de Santa Catarina — 1910.
- Mapa Geral do Paraná, na escala de 1:1000000. — 1921.
- A Bandeira da República dos EE.UU. do Brasil. — 1921.

Biografia portuguesa — vols. 3.º e 4.º.

- Joaquim Nabuco — O Estadista do Império, posum.
- Sacramento Blake — Dicionário Bibliográfico Brasileiro.
- Schmidt de Vasconcelos — Arquivo Nobiliárquico brasileiro.
- Silvio Romero e João Ribeiro — Manual da História da Literatura Brasileira, página 448.

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

## Primeira serie — Antologia da Poesia XXXIII - Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça



Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça nasceu nesta cidade e é filha do engenheiro José Joaquim de Queiroz Júnior, pioneiro da indústria do ferro no Brasil.

Foi eleita, em 1928, Rainha dos Estudantes do Rio de Janeiro. Por essa época fundou a Casa do Estudante do Brasil, de que é presidente vitalícia.

Foi eleita, em 1928, Rainha dos Estudantes do Rio de Janeiro. Por essa época fundou a Casa do Estudante do Brasil, de que é presidente vitalícia.

É membro do Conselho da Associação Brasileira de Educação, de que foi presidente no biênio 41-42. Faz parte do Conselho da Associação dos Artistas Brasileiros. Ocupa a vice-presidência da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. Pertence ao P.E.N. Clube do Brasil, ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão brasileiro da UNESCO. Foi recentemente eleita vice-presidente da Fédération Internationale des Organisations de Correspondence et Exchange Ecclésiastiques. Em 1935 foi nomeada pelo presidente da República delegada oficial do Brasil em Istambul, na Turquia. Nessa ocasião foi nossa

### BIBLIOGRAFIA DE ANA AMELIA

- *Esperanças* — (Recordações da Infância) Librarie Garnier Frères, Paris, 1911, 98 páginas.
- *Alma* — (Versos) Empresa Brasil Editora — Rio, 1922, 177 págs.
- *Ansiada* — Of. Gráf. da Empresa Brasil Editora — Rio, 1928, 143 págs.
- *A Harmonia das Coisas e dos Seres* — Irmãos Pongetti — Rio, 1936, 100 págs.
- *Mal de Amor* (Versos) — Lit. Fluminense, Rio, 1939, Capa

de Percy Lao, 61 págs. São versos antes publicados em *Alma*, *Ansiada*, *Harmonia das Coisas e dos Seres*.

— *Aspectos da Arte do Brasil* Conferência no Instituto de Estudos Portuguezes, em 29 de setembro de 1946.

— *Escrituras e Poéticas Brasileiras* Conferência.

— *Dois meses entre os americanos* Conferência na Casa do Estudante — Rio, 1947.

Tem inúmeras outras conferências.

### ALGUMAS FONTES SOBRE ANA AMELIA

- *Alvaro de Las Casas* — *Ana Amelia* (Guia de los Universitários Brasileños) — 1940 — E' a 2.ª edição.
- *Henrique Perdigão* — *Dicionário Universal de Literatura*.
- *João Ribeiro* — *Ansiada*, "Jornal do Brasil", 20-4-1937.
- *Maria Jacinta* — *A Harmonia das Coisas e dos Seres* Esfera.
- *Mício Leão* — *Ansiada* — "Jornal do Brasil", 23-1-1937.
- *A Harmonia das Coisas e dos Seres* — *Idem* — 8-1-1937.
- *Velho Sobrinho* — *Bibliário bio-bibliográfico*, volume 1.º.

representante no XX Congresso Internacional Feminista realizado pela Aliança Internacional de Mulheres.

Em 1943 foi nomeada representante do nosso país na Comissão Interamericana de Mulheres, com sede em Washington, criada sob os auspícios da União Pan-Americana. Nesse mesmo ano realizou-se, em novembro, o congresso dessa comissão, no qual Ana Amelia representou o Brasil.

É casada com Marcos Carneiro de Mendonça. Tem colaborado em vários jornais e revistas, e, atualmente, nos Diários Associados.

### UMA VIDA

Passo do mundo como tudo passa,

Que todos os destinos são iguais.  
Vida! É igual à nuvem de fumaça,  
Que depressa se esvai, como te esvais...

Como os outros, eu sorvo a minha taça.  
Em que há gotas amargas e felizes;  
E entre o bem que promete e o mal que ameaça,  
Minhas canções espalho e ergo meus ais.

Nada ambiciono, como em nada creio.  
Sei que no eterno ardor da eterna vida  
Tudo continuará quando eu me for.

Ódios não levarei dentro do seio,  
Porque eu resumo toda a minha vida  
Nuns pobres versos e num grande amor.

### A HARMONIA DAS COISAS E DOS SERES

A harmonia das coisas e dos seres  
Está no sacrifício e na compensação.  
Sem dor não há prazer,  
Nem corolas ao sol sem raízes no chão.

E' preciso que exista  
Uma lágrima atenta aos olhos de quem ri.  
E' preciso que alguém sofra e resista  
Ao desejo que inflama.

Para que o lábio de quem ama  
Só por amar,  
E seja só com a boca,  
Sem que a alma sinta o beijo.

Possas cantar, minha alegria louca,  
— Sempre menor que a dor de quem soube calar.  
E' preciso que alguém se sacrifique  
Pela felicidade de outro ser.

E' preciso que sempre alguém abdique  
De tudo que sonhou  
Daquilo que mais julgava merecer.

Para que outro se exalte a glorificar  
No delírio radioso de colher  
O fruto que esse pranto amadureceu.

A harmonia da vida é um canto doloroso.  
Cada nota, mais viva, abafa um ai.  
Risos, clarins, delírios de alegria,  
Palmas, valdeões, amêlores,

— Tudo o cortejo luminoso  
Das conquistas que embragam corações,  
Glória, prazér, felicidade,  
— Tudo se vai, tudo se vai

E deixa na alma bem marcado  
O contraste fatal:  
A todo bem, sonhado ou conquistado,  
Corresponde uma dor, uma sombra do mal.

Quando penso no amor que me foi dado,  
Na grandeza do sonho que sonhei  
Na ventura que tenho desfrutado,  
No meu presente, no meu passado,

No confiança que tenho e que ainda terei,  
— Minha alma se debate na tortura  
De procurar eu mesma responder  
Por esta luz serena que alenteio,

Por esta graça de renascer,  
E tender a compensar  
A dor eterna que talvez me visse,  
E repetir a mesma

Deste campo fecundo,  
Pagando eu mesma pelo mundo,  
Em sacrifício, em compaixão,  
O meu tributo de sofrimento,  
Vivendo a dor dos infelizes  
Que talvez sejam as raízes  
Do grande sonho que floresce  
No meu glorioso coração.

### SONETO PARA A MORTE

Quero morrer sem que se desluda  
Este sonho de doce encantamento.  
Sem que o tempo, que tudo estraga e muda,  
Transforme em treva este deslumbramento.

Quero morrer antes que fique muda  
Esta espontânea voz do sentimento.  
Antes que a dor, em vendaval, sacuda  
A ramaria em flor do pensamento.

Quero que a morte venha impensada,  
Para levar-me em sonho, num transporte,  
E que à hora da extrema despedida,

Este amor que vibrou sonoro e forte,  
Como um clarim glorificando a vida,  
Cante em surdina e me acalente a morte.

### SERENIDADE

Para atingir esta serenidade,  
Esta calma alegria de viver,  
Renunciei ao fulgor da mocidade  
E a tudo quanto é frívolo prazer.

Amor sem devaneio e sem vaidade,  
Fundo no meu amor todo o meu ser,  
E pude achar uma felicidade  
Que muita gente afasta sem saber.

A glória não sonhei, que a não mereço.  
Se algo valem meus versos, nada eu valho,  
Que como os tiro da alma os ofereço.

Longe de tudo o que perturba e engana,  
Em meu amor, serena, eu me agasalho,  
E faço dela a minha glória humana.

### AMOR

Para buscar a essência da verdade  
Acendi meu espírito em clarão.  
E para os astros, para a imensidade,  
Entendi minha frágil ambição.

No delírio da minha insaciada  
Fiz do meu sonho uma interrogação.  
E num requinte de curiosidade  
Desenquei o meu próprio coração.

Braão fácil a resposta. Achei-a  
No fundo dela, como um grão de areia,  
Que o sol transfigurasse de fulgor.

Nesta palavra clara e lapidada  
Que contém toda a morte e toda a vida,  
Que tudo encerra, a tudo expõe, a tudo

### BOIS

Bem cedo, antes do sol, o caboclo desperta,  
Ata a pesada canga ao pescoço dos bois,  
Joga a madeira ao carro, ergue o agulhão; depois  
Segue a poeirenta estrada inhospita e deserta.

Velhos bois, toca a andar, pobres antes que sois!  
A viagem será longa e de demora incerta.  
Arde o sol sobre vós — uma fornalha aberta,  
Ide, bons animais, devagar, dois a dois.

Ide, além, sem saber porque nem para onde.  
Nem uma árvore há que vos estenda a fronde  
E, quando se ergue, o sol já na estrada vos vê.

Como vós, pobres bois, tão fortes na desgraça,  
Muita gente há que nasce e luta e vive e passa  
Sofrendo sem cessar e sem saber porque.

### HUMANIDADE

Homem que tens na terra e a inesgotável messe  
De alegria e de dor, de virtude e de mal,  
Colhe, em vez de provar o fruto que apetece,  
O trigo que há de ser teu pão espiritual.

No anseio do saber ou no enlevo da prece,  
Conquista o alto do Olimpo ou o mistério do Graal.  
Banha-te, Prometeu, na luz que os sóis aquece,  
Prega, o bem, prega a fé, glorioso Paraíso!

Em vão destarte fala à fraca humanidade  
Uma soteria vós que vem de idade a idade  
Vibrando dentro em nós num íntimo clamor.

O homem continuará, em sublime holocausto,  
Sonhando sempre em vão, trocando como Paqueta,  
A vida, a glória, o ideal, por um pouco de amor.

### AOS MEUS VERSOS

Quando vos escrevi, versos apaixonados,  
Traduzindo este amor, este encanto, esta luz  
Esta forte emoção que no meu ser produziu  
O sobrehumano olhar de uns olhos bem amados,

Nem uma vez sequer, pobres versos, supus  
Que aquele ardente olhar em que fôreis inspirados,  
Viesse a pousar em vós como pousa nos prados.  
O quente olhar do sol que no alto céu reia.

Quanta emoção senti — que frêmito esquisito,  
Quando entre as suas mãos o que a minha escrevi  
Cheia de inspiração deste amor infinito...

Somos felizes, sim. Felizes vós e eu;  
— Eu me sinto feliz por vos fazer escrito:  
Mais felizes sois vós, que o meu amor vos deu.

### MAL DE AMOR

Toda pena de amor, por mais que doa,  
No próprio amor encontra recompensa.  
As lágrimas que causam a indiferença  
Seca-se depressa, numa palavra boa.

A mão que lava o terra que agride,  
Onde o amor não dá que fazer, não vence  
Amor, transmutando-se em amor, não vence  
Por um sorriso, amor, tudo vence.



# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Primeira serie — Antologia da Poesia XXXIII - Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

Al de quem muito amar não sendo amado,  
E depois de sofrer tanta amargura,  
Pela mão que o feriu não foi curado...

Neutra parte há de em vão buscar ventura:  
Pica-lhe o coração despedaçado,  
Que o mal de Amor só esse Amor tem cura.

### A FEITICEIRA

Heredia

Em toda parte, até nos altares sagrados,  
Vejo-a que por mim chama e alvos braços me lança.  
Pai venerável! Mãe que me embalou criança!  
De uma execrável raça explo hoje os pecados?!

O cumolpide não quis, na sede da vingança  
Os mantos sacudir ao solo, ensanguentados.  
E eu fujo, sem querer, exausto, os pés cansados:  
E dos sagrados cães o ruído ulvar me alcança.

Aonde vá, sinto, aspiro, a inimigo mesmo odioso,  
O sinistro feitício, o encanto tenebroso  
Com que, dos Deuses ainda, a cólera me esmaga.

Pois puseram-lhe os céus, como supremo encanto,  
Esses olhos de sombra e essa boca que embriaga,  
Armando contra mim seus beijos e seu pranto.

### O TREBBIA

Heredia

Uma sinistra aurora os cimos ilumina.  
O acampamento acorda. O rio, caudaloso,  
Dessejando o esquadro dos Numidas, fogoso,  
Sôa em roda um clangor sonoro de busina.

Pois, mau grado Scipião, augúrios de má sina,  
O Trebbia a encher, e a chuva, e o vento a ulvar, ruivoso  
Semprontus Consul fêz, da nova glória cioso,  
Os lítores seguir a marcha peregrina.

Avermelhando o céu, quais lúgubras candelas,  
Queimavam no horizonte as pequenas aldeias.  
Ouvia-se à distância o berro do elefante.

E além, no arco da ponte o corpo recostando,  
Ranfaiz cisma, a sós, pensativo e triunfante,  
E ouve o surdo tropel das legiões marchando.

### FLOR SECULAR

Heredia

Na calcinada rocha, altíssima e longeva,  
Onde o fluxo de lava extinguiu-se, a semente  
Que até ao Qualatieri o vento na asa leva,  
Germina, frágil planta e arasta-se, paciente.

Cresce. A humilde raiz mergulha pela treva;  
O tronco busca a chama obscura que o alimenta;  
E cem anos depois, finalmente se eleva  
O colossal botão que verga a haste tremente.

Enfim, no ar que arde e queima e é inda mais inflama:  
Sob o plástico enorme abre-se em flor de chama  
E longe o pólen lança ao sol que o coloriu.

E o grande alôe, que ostenta a flor vermelha e rara,  
Para o ignoto himeneu que o seu amor sonhara,  
Num século de vida, uma só vez floriu.

### UM SEGREDO

Felix d'Arvers

Tem esta alma um segredo, esta vida um mistério:  
Um amor imortal n'um dia concebido;  
E mal sem esperança em silêncio funéreo  
Daquela que o causou guardo o desconhecido.

Al! passarei assim sempre despercebido,  
Sempre a seu lado e só como num tremor...  
E andarei pela vida e irei ao cemitério,  
Nada osando pedir, nada tendo colhido.

Ela, porém, que Deus fez meiga e delicada,  
Segue distraidamente e não ouve na estrada  
Um murmúrio de amor sob os passos que dá.

Sempre fiel ao dever pelo qual se devota,  
Dirá, se um dia ter meus versos chorados:  
"Mas quem é tal mulher?" E não compreenderá.

### O REMO QUEBRADO

Longfellow

Certo dia de bruma em praia solitária,  
Fui eu a pescar, levando o livro e a vara,  
E quando o sol já se ia, e a noite se abria,  
Que quizes voltar sem pescar nada.

Soluçava a seus pés cada onda tumultuária.  
Os pássaros, cortando o azul da tarde amena,  
Passavam, lentos, no ar. Do ponto a rubra cema  
Iluminava o mar de luz extraordinária.

Pelas ondas, então, foi à praia trazido  
Velho remo quebrado, em que éle a custo leu:  
"Quantas vezes contigo eu cancei de lutar!"

E como quem encontra o que julgou perdido,  
Essa frase traçou, nos céus a fronte ergueu  
E tremulo atirou a inútil pena ao mar.

### OS POETAS

Longfellow

Poetas mortos que viveis por étes  
Grandiosos cantos immortalizados;  
E vós, poetas vivos que morrestes  
No abandono que mata desprezados;

Dizei, nas horas em que mais sofrestes,  
Quando tinheis — de espinhos coroados —  
As fronte gotejando sobre as vestes  
Não destes vós por bem cumprir os fados?

Sim! Porque o dom e o culto da poesia  
Tem qualquer coisa tão divina e doce  
Que suaviza esta vida merencória.

Não no aplauso da rua, que gloria,  
Não no clamor do mundo — maior fôse!  
Mas em nós mesmos há derrota e glória.

### A ETERNA CANÇÃO

Rosemonde Gérard

Quando tu fôres velho e eu também já for velha,  
E os meus louros anéis forem brancos e escassos,  
Em Maio, no jardim, do sol à luz vermelha,  
Iremos esquecer os velhos membros lassos.  
E como é a primavera alegre que começa,  
Nem outra vez de novos os carinhos.  
E eu sorri-te-hei, feliz, balançando a cabeça,  
E que adorável par faremos de velhinhos!  
Fitar-nos-hemos bem e a essa viva centelha  
Iluminar-se-ão os nossos velhos traços.  
Quando tu fôres velho, e eu também já for velha,  
E estes louros anéis forem brancos e escassos.

Ao nosso banco amigo, então velho e musgoso  
Viremos como outrora, alegres, conversar.  
Teremos um prazer tão terno e delicioso.  
A frase muita vez num beijo há de findar.  
Quantas vezes te disse o meu amor ardente  
Havemos de contar, num cuidadoso ardor.  
Relembremos tudo, a rir, alegremente,  
Mil coisinhas gentis, detalhes sem valor.  
Um raio há de descer, rosado e caricioso,  
Sobre o cabelo branco, ardente, há de pousar.  
Quando a esse banco amigo, então velho e musgoso  
Viremos, como outrora, alegres, conversar.

E como cada dia te amo mais, querido,  
Hoje mais que ontem, menos que amanhã, porém.  
Que importa, ter então o rosto envelhecido?  
O meu amor far-se-á mais severo também.  
Fensa que cada dia é uma nova lembrança,  
E as que eu terei um dia as tuas há de ser:  
As lembranças comuns que o passado nos lança,  
Virão cada vez mais nos unir e prender.  
Seremos velhos, sim, o corpo enfraquecido,  
Mas tomando-lhe a mão hei de apertá-la bem.  
Porque, vê, cada dia eu te amo mais, querido,  
Hoje mais que ontem, menos que amanhã, porém.

Do nosso amor que passa — um sonho doce e leve  
Tudo eu quero guardar dentro do coração,  
Conservar, se se pode, esta impressão tão breve  
Para a saborear depois, com lentidão.  
Tudo o que dele vem acordando, como avara,  
Guardo para a velhice o meu grande tesouro  
E sei rica, então, de uma riqueza rara;  
Do meu jovem amor terei guardado o ouro.  
Deste sonho feliz — cumpre que o tempo o leve  
A memória dar-me-á grata recordação  
E deste amor que passa — um sonho doce e leve,  
Tudo eu quero guardar dentro do coração.

Quando tu fôres velho e eu também já for velha,  
E estes louros anéis forem brancos e escassos,  
Em Maio, no jardim, do sol à luz vermelha,  
Iremos esquecer os velhos membros lassos.  
E como é a primavera alegre que começa,  
Nem outra vez de novos o carinho para nós.  
E eu sorri-te-hei, feliz, balançando a cabeça,  
E tu me falarás de amor, tremendo a voz.  
Fitar-nos-hemos bem e a essa viva centelha  
Iluminar-se-ão os nossos velhos traços.  
Quando tu fôres velho e eu também já for velha,  
E estes louros anéis forem brancos e escassos.

### O SALTO

Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético  
Serenos, forte, audaz, como um vulto da Ilíada,  
Todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético,  
Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.

Difere-me fitando esse teu porte estético  
Como diante de Apolo estremeceira a driada:  
Era um conjunto de arte esplendoroso e poético,  
Enredo e inspiração para uma heliconíada.

No cenário sem par de um pálido crepúsculo,  
Tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo,  
Por entre a admissão da massa, entusiasmada.

Como um Deus a baixar do Olimpo, airoso e lípido,  
Tocaste o solo enfim, glorioso, ardente, intrepido,  
Belo, na perfeição da grega e antiga plástica.

### BALADA

Na velha torre que ainda existe,  
De seu castelo amplo e feudal,  
Vivia outrora, loura e triste,  
Uma princesa medieval.  
Deitada, pela redondeza,  
Mais de um fidalgo quis depor  
Aos pés da pálida princesa  
A sua espada e o seu amor.

Viveira ao alto, a lança em riste,  
Passa um guerreiro altivo e leal,  
Vê a princesa loura e triste  
No seu balcão branco e ogival.  
Por conquistá-la com nobreza  
Jura vencer seja o que for,  
E ela repele com frieza  
A sua espada e o seu amor.

Porque, princesa, um dia ouviste  
Aquele vos sentimental?  
Porque sonhaste, loura e triste,  
O lindo sonho que é teu mal?  
Porque tua alma ficou presa  
Aquele pálido cantor  
Que te ofertou com singeleza  
A sua espada e o seu amor?

Guerreiro ou herói, de alta proeza,  
Torna-te bardo ou trovador,  
Para ofertar a uma princesa  
A tua espada e o teu amor.

### A CAMINHO DO RIO DOCE

Vamos andando para a distância,  
Seguindo o rio, seguindo o rio,  
Beirando a margem do Rio Casca,  
Buscando o leito do Rio Doce.  
A nossa marcha para mais longe  
Parece a marcha do Rio Casca  
Que vai rolando, dentro das horas,  
Buscando as águas do Rio Doce.

Margens escuras de terra feia,  
Margens alegres de areias claras...  
Homens escuros dentro da areia  
Buscam falsas de areias raras.  
Homens escuros, na margem feia,  
Batem a terra numa batida,  
Batem a areia do Rio Casca.

Vamos seguindo para mais longe,  
Pelo destino do Rio Casca,  
Para o mistério do Rio Doce.  
Vamos seguindo a água do rio,  
Olhando os homens de mãos escuras,  
De pernas negras no lodo escuro,  
Sempre à procura da areia de ouro.

As águas negras lá vão rolando,  
Buscando as águas do Rio Doce.  
Os homens negros ficam sonhando,  
Buscando o ouro como se fosse  
A própria vida que estão buscando:  
Vida mais clara, vida mais doce.  
Lá vão as águas sempre rolando.  
Lá estão os homens sempre sonhando.  
E que seria de águas e de homens  
Se assim não fosse?

Ana Amelia de  
Queiroz Carneiro de Mendonça

Autógrafo de Ana Amelia

# CANTO V DO "INFERNO", DE DANTE

Tradução de DANTE MILANO

Sol o muito que custa e o pouco que vale o cáere, entre as várias fetsas em nossa língua, para traduzir o mais célebre canto de amor, os teríveis torreses em que perpassa o frêmito de uma paixão que se tornou imortal. Para mim, este trabalho teve mais que a esperada recompensa numa profunda compreensão do texto, estudado palavra por palavra, verso a verso; o poema brilhou, espiando seus raios, por cujos reflexos me senti tocado. Tanta beleza nunca poderia ser paga; é obra da graça, como a vida que nos foi "dada". E manifesta a dificuldade de transferir de uma para outra língua certas intraduzíveis obras-primas. E enorme a diferença entre o idioma forte e áspero de Dante e a nossa língua simples, de fadole branda. Para evitar más interpretações, deve dizer que, longe de pretender menoscar o nosso idioma, considero-o o mais agradável de todos pela sua natural suavidade e sua pobreza cheia de graça; em sua simplicidade característica reside justamente a sua beleza, — não obstante possa ostentar, como em Filinto Elísio e Odorico Mendes, um vocabulário imenso mas inútil, que me parece supérfluo e não coube empregar.

Certo, o vigor musical porém áspero do idioma dantesco se dilhe na clara transparência do verbo português; de sorte que as palavras, traduzidas embora em palavras rigorosamente equivalentes, provocam, pela mera mudança de tonalidade, reacções diferentes. Exemplifico: as cantantes e nítidas terminações em *ti palatali* — fatalité, tutto —, e por outro lado, a pronunciada acentuação silábica, a rugidosa pronúncia dos *rr*, (Dante pode ser cognominado o "poeta do r") contrastam com a docura do nosso idioma de pronúnciação branda. Assim o épico torna-se lírico.

Aquelas palavras que na boca de Dante são de um vigor fortíssimo, como no verso célebre: "La bocca mi baciò tutto tremante", transportada para a nossa língua tomam um ar de brandura, que não muda o sentido mas altera e suaviza a acção: (ao pé da letra: A boca me beijou todo tremendo, — ou "Todo trémulo a boca me beijou"). Ou ainda, como preferi traduzir, por achar mais do acordo com o ritmo e a intensidade lírica, mais fortes que o próprio sentido das palavras: "Beijou-me a boca, trémulo, ofegante".

Creio que o "certo" não seria traduzir "italianizado" e forçando a nossa língua, mas, obediente à sua índole suave, adaptar o verso, procurando escrivê-lo "do modo por que Dante o faria se escrevesse em português", — isto é, tirando o máximo partido da língua, que é sempre a primeira lei do verso.

O que fiz, pois, traduzindo o que considero intraduzível (de nenhum modo me satisfaria a mera versão em prosa, pois a maior tração que se pode fazer no verso é traduzi-lo em prosa), foi "imitar" o mais possível, acompanhando o ritmo do verso sem todavia alterar-lhe a significação, guardando a forma da "terza-rima" e seguindo, como uma onda atrás da outra, o contorno das frases, na intenção de que o leitor possa, de verso em verso, sentir, assimilar, penetrar, em sua máxima, a estranha beleza desse Canto que é uma das mais raras e sutis criações do génio humano. Seguindo o mais possível a letra do texto, fiz tudo para que não se sentisse o tradutor e sim o autor.

Por mais falho, por mais incompleto que tenha sido o meu esforço, sou grato aos momentos que me proporcionou a tradução desse poema, o que foi como se eu desse um mergulho nas trevas mas saísse lavado de poesia.

## TEXTO ITALIANO

Così discesi del cerchio prima  
giù nel secondo, che men l'ungo cinghia,  
e tanto più dolor, che punge a guaiò.

Stavvi Minòs orribilmente, e ringhia:  
essamina le colpe ne l'entrata;  
giudica e manda secondo ch'avvinghia.

Dico che quando l'anima mal nata  
li vien dinanzi, tutta si confessa;  
e quel conoscitor de le peccata

vede quel luogo d'inferno è da essa:  
cignesi con la coda tante volte  
quantunque gradi vuol che giù sia messa.

Sempre dinanzi a lui ne stanno molte:  
vanno a vicenda ciascuna al giudizio;  
dicono e odono, e poi son giù volte.

"O tu che vieni al doloroso ospizio",  
disse Minòs a me quando mi vide,  
lasciando l'atto di cotanto offizio,

"guarda com'entri e di cui tu ti fide:  
non t'inganni l'ampiezza de l'entrata!"  
E' l' duca mio a lui: "Perché pur gridi?"

Non impedir lo mio fatale andare:  
vuolsi così colà dove si puote  
ciò che si vuole, e più non dimandare."

Ora incomincian le dolenti note  
a farmisi sentire: or son venuto  
là dove molto pianto mi percuote.

Io venni in luogo d'ogni luce muto,

che muggia come fa mar per tempesta,  
se da contrari venti è combattuto.

La bufera infernal, che mai non resta,  
menò li spirti con la sua rapina;  
voltando e percotendo li molesta.

Quando giungon davanti a la ruina,  
quivi le strida, il compianto, il lamento;  
bestemmian quivi la virtù divina.

Inesi ch'a così fatto tormento  
giù nel secondo, che men l'ungo cinghia,  
che la ragion sommettono al talento.

E come li stornai ne portan l'ali  
nel freddo tempo a schiera larga e piena,  
così quel fiato li spirti mali

di qua, di là di giù di su li mena;  
nulla speranza li conforta mai,  
non che di posa, ma di minor pena.

E come i gru van cantando lor lai,  
facendo in aere di sé lunga riga,  
così vidi venir, traendo gual,

embre portate da la detta briga;  
per ch' i dissi: "Maestro, chi son quelle  
genti che l'aura nera sì gastiga?"

"La prima di color di cui novelle  
tu vuò saper" mi disse quelli allotta,  
"fu imperadrice di molte favelle.

A vizio di lussuria fu sì rotta,  
che libito fè licito in sua legge  
per torre il biasmo in che era condotta.

Ell' è Semiramis, di cui si legge  
che succedette a Nino e fu sua sposa;  
tenen la terra ch'è l' Soldan corregge.

L'altra è colui che s'ancora amorosa  
e ruppe fede al cener di Sicheo;  
poi è Cleopatra lussuriosa.

Elena vedi, per cui tanto reo  
tempo si volse, e vedi il grande Achille  
che con amore al fine combattè.

Vedi Paris, Tristano"; e più di mille  
ombre mostraronmi, e nominaronmi, a dito  
ch'amor di nostra vita dipartìte.

Posei ch'io ebbi il mio dottore udito  
nomar le donne antiche e cavalieri,  
pietà mi giunse, e fui quasi smarrito.

I cominciai: "Poeta, volentieri  
parlerai a quel duo che 'nsieme vanno,  
e paion sì al vento esser leggeri."

El ell' a me: "Vedrai quando saranno  
più presso a noi; e tu allor li prega  
per quello amor che i mena, ed ei verranno".

Si tosto come li vento a noi li piega  
mossi la voce: "O anime affannate,  
venite a noi parlar, s'altri nol nega!"

Quali colombe dal disio chiamate,  
con l'ali alzate e ferme al dolce nido  
vegnon per l'aere dal voler portate;

cotali uscìr de la schiera ov'è Dido  
a noi venendo per l'aere maligho  
si forte fu l'affettuoso grido.

"O animal grazioso e benigno  
che visitando vai per l'aere perso  
noi che tingemmo il mondo di sanguigno,

se fosse amico il re de l'universo,  
noi pregheremmo lui de la tua pace,  
per ch'hai pietà del nostro mal perverso.

Di quel che udire e che parlar vi piace,  
noi udiremo e parleremo a voi,  
mentre che 'l vento, come fa, si tace.

Siede la terra dove nata fu  
su la marina dove 'l Po discende  
per aver pace coi seguaci sui.

Amor, ch'al cor gentil ratto s'apprende,  
prese costui de la bella persona  
che mi fu tolta, e 'l modo ancor m'offende.

Amor, ch'a nullo amato amar perdona,  
mi prese del contui piacer sì forte,  
che, come vedi, ancor non m'abbandona.

Amor condusse noi ad una morte;  
Caina attende chi a vita ci spense".  
Queste parole da lor ci fur porte.

Quand'io intesi quell'anime offese,  
chinai'l viso, e tanto il tenni basso,  
fin che 'l poeta mi disse: "Che pensi?"

Quando risposi, cominciai: "Oh lazo,  
quanti dolci pensieri, quanto disio  
menò costoro al doloroso passo!"

Poi mi rivolsi a loro e parla'lo,  
e cominciai: "Francesca, i tuoi martiri  
a lacrimar mi fanno tristo e pio.

Ma dimmi: al tempo de' dolci sospiri,  
a che e come concedette amore  
che conoscesti i dubbiosi desiri?"

E quella a me: "Nessun maggior dolore  
che ricordarsi del tempo felice,  
ne la miseria; e ciò sa'l tuo dottore.

Ma s' a conoscer la prima radice  
del nostro amor tu hai cotanto affetto,  
faro come colui che piange e dice.

Noi leggevamo un giorno per diletto  
di Lancelotto come amor lo strinse:  
soli eravamo e senza alcun sospetto.

Per più fiate li occhi ci sospinso  
quella lettura, e scolorci il viso:  
ma solo un punto fu quel che ci vinse.

Quando leggemmo il disiato riso  
esser baciato da cotanto amante,  
questi, che mai da me non fia diviso,

la bocca mi baciò tutto tremante.  
Galeotto fu il libro e chi lo scrisse:  
quel giorno più non vi leggemmo avante".

Mentre che l'uno spirito questo disse,  
l'altro piangeva sì, che di pietade  
io venni men così com'io morisse;  
e caddi come corpo morto cade.

## TRADUÇÃO BRASILEIRA

Agora desço ao círculo segundo  
onde os gritos de dor vão aumentando  
e o âmbito é mais estreito e mais profundo.

Ali Minos horrível regougando  
examina os espíritos à entrada;  
Julga-os a cauda ao corpo enroscilhando.

Digo que quando uma alma condenada  
lhe está defronte, tudo ali confessa,  
e ele, depois que a culpa foi pesada,

vê no Inferno o lugar que a alma mereça,  
e quantas vezes gira a cauda imensa  
tantos círculos manda que ela desça.

Muitas estão à espera da sentença,  
e uma por uma, após o julgamento,  
são lançadas ao fundo sem detença.

"Tu que vens à mansão do sofrimento,  
— grita Minos com voz que esusa espanto  
e a tarefa interrompe em tal momento

vê como entras, debaixo de que manto.  
Não te engane a largura da portada".  
E o meu guia: (1) "Por que é que gritas tanto?

Não lhe interrompas a fada! jornada.  
Assim se quis lá onde mais potentes  
são as vontades. Não perguntas nada".

Principiam agora os sons dolentes  
a ressoar mais perto em meu ouvido.  
Chego a um ponto onde os ais são mais plangentes.

lugar completamente escurecido  
que muge como o oceano tempestuoso  
se de contrários ventos é batido.

O infernal turbilhão, vertiginoso  
leva as almas de envolta na rapina  
e nunca pára o ímpeto furioso.

E ao ser lançadas do alto da ravina  
as almas soltam gritos e lamentos,  
ali blasfemam contra a Luz divina.

Condenados estão a tais tormentos  
pecadores carnis que a alma danada  
subjugaram à carne e seus intentos.

Como as aves que em tempo de invernada  
em bandos vão pelo ar, ao desabrigo,  
assim as almas, a infernal rajada

para aqui, para ali leva consigo,  
e nenhuma esperança elas têm mais  
não de perdão, mas de menor castigo.

E como os groux que vão saltando guals  
em longa fila na paisagem fria,  
assim as almas vivem longos ais

quando arrastadas pela ventania.  
Então pergunto: "Mestre, que visões  
são essas que a tormenta assim crucia?"

"Aquela em que primeiro os olhos pões,



# O AMAZONAS

ESTER LEÃO DA CUNHA MELO

— O Amazonas continuará, dentro do território brasileiro, o gigante desprezado. Negligenciado nos seus clamores, desatendido nas suas necessidades, esbulhado nos seus direitos.

— Faz-se imaginar que o Amazonas é uma jóia que se não usa, e aguardamos ociosamente no grão de cofre da natureza. É o luxo do nosso sentimentalismo de pátria imensa.

— Comparo-o, antes, a um cavaleiro medieval, parado no cimo das cordilheiras andinas, fitando ao longe o encrespado pacífico, enquanto, à mão direita, jogasse o manto das águas doces até encontrar o remanso Atlântico. Precipitado de maior altura, veloz e aturdido se esparrama e se corre: se milhares de milhas, num louco esbanjamento de águas, curvando-se a retroceder-se por entre perdulária flora.

— Insondável, inculto, estranho esse pedaço de planeta.

— Porisso mesmo os seus problemas não oferecem solução. A matemática, nas longitudes amazônicas, debate-se com as exceções do infinito...

— Precaridade. Para os exageros das distâncias há o progresso das máquinas. O longo interminável cessam como por encanto, aproximando pontos extremos. Encurtando distâncias com estradas de rodagem, linhas de navegação, vias férreas.

— Discorde do seu ponto de vista. O progresso não pode penetrar exabrupto nas selvas.

— Por que?

— As populações do interior não pedem o máximo, e sim o mínimo. Estamos asobrados de problemas e não sabemos qual atacar primeiro, e, porque não adivinhámos, cruzamos os braços em atitude de quem espera o milagre. Amentam-se os serviços reclamando urgência e apêndice; a resposta é uma só: INERCIA. O que não é mais admissível é o adiantamento criminoso.

— Ora! Os homens não mudaram. O crime coletivo de ontem continua sendo o crime coletivo de hoje.

— A preguiça é a chaga das nossas elites políticas. Há três séculos os governos assistem, indiferentes, à trágica situação do paria no Amazonas. Há três séculos, as famílias que habitam os êrmos florestais,

suplicam o direito de permanecer nas terras firmes que os adventícios arrancam-lhes impiedosamente. Terras alagadiças são as únicas que lhes cabem por sorte. Não será este o primeiro ponto a ser discutido? Há no Amazonas indivíduos que possuem milhares de hectares de terra que dariam vários países. É o que resta para a população fegrida? Continuar a vida nômade igual à do selvagem, porque as terras de aluvião não oferecem estabilidade, nem repouso, nem cultura. Não é o máximo; é o mínimo, o que o homem do Amazonas pede.

— É verdade!

— Creio que se estudássemos métodos simples e humanos, resolveríamos alguma coisa de melhor. A primeira via de comunicação das populações primitivas, era o cajado do patriarca, que arrimava a êle vencer distâncias para levar ao núcleo vizinho, conselhos e remédios. O Amazonas ainda está na ordem do cajado...

— Voltáramos ao primitivismo patriarcal?

— Talvez.

— Não creio que você esteja falando a sério. Continue no meu ponto de vista: o problema do Amazonas não é o homem; é a distância. Cada vez discursam mais o fator comunicação. Vivemos isolados na natureza áspera. Isolados por um fatalismo geográfico. Mas não devemos permanecer reclusos. Temos que neutralizar ação estacionária, antepondo o progresso, aproximando a selva das cidades. É preciso não estorvar o simples com o composto.

— Vejo que você volta-se com simpatia à ação dos jesuítas no Amazonas.

— Não tanto como você pensa, mas acito cordialmente.

— Lamento que o amigo proclamasse um adepto exaltado das missões.

— Exaltado, não!

— A missão no Amazonas é uma instituição arcaica, fora de uso, incompatível com as evoluções do século. Noutros tempos, poderia ter exercido ação meritória entre os aventureiros, sertanistas, e a indiana.

— Modificados métodos antiquados?

— Seria regressão. Os missionários só têm um fim religioso, e a catetese ainda é uma maneira de escravizar.

— Os missionários exerceram o domínio pela fé.

— De que forma? Antepondo a cruz à liberdade? Transformando o quereiro audaz num pária exaurido?

— Meu amigo, matar, exterminar as tribus nas aldeias, ainda é um quadro de tragédia infinitamente mais doloroso em cômputo com o outro. Os pobres índios, vestidos assentados rezando terços, lendo breviários, estudando teologia e latim — embora sombrio, é mais tolerável o reverso do quadro.

— Por que a política dos missionários não foi de encontro às atrocidades dos colonos, deixando na selva o homem da selva?

— Porque os homens que vieram aventurar fortuna não tinham piedades. Excediam-se no crime. Dissemulavam a morte e o opróbrio por onde passavam, e a maior vítima foi o índio. De um lado, a selvageria do nativo, do outro lado, a brutalidade do explorador. Entre os dois elementos bárbaros, os missionários arrebanhavam, com a cruz da fé, os indígenas perseguidos. Se os missionários não tivessem vindo arrebancar almas para Deus, o Amazonas seria um vasto cemitério.

— Encontra você virtude na ação dos missionários, amedrontando os espíritos supersticiosos dos índios e transformando-os em escravos serviais e humildes?

— Único recurso que lhes restava assistindo o extermínio em massas. Só a caridade cristã os salvava. Não encontrará você virtude e altruísmo nesses abnegados missionários, arrastados a compartilhar com os bárbaros a vida das florestas virgens? Amparar, proteger, salvar os indígenas, era o comando da Igreja Católica. Não haverá virtude onde há tanto sacrifício?

— Amparar, proteger, salvar a quem vivia livre e feliz... que paradoxo.

— Livres e felizes antes da chegada dos colonizadores. Depois eles ficaram impotentes de vencê-los. Suas armas não ofereciam confronto.

— Uma força maior levantava-se. — É o fatalismo das evoluções sociais, esmagando o velho e desusado, o arcaico.

— E a moral? E a religião?

— Por maiores que sejam as barreiras que a moral e a religião anteponem ao crime, é pelo crime que os homens abrem a clareira da evolução e do progresso.

— Você avança em dogmatismo...

— O cortejo dos séculos marcha sobre cadáveres que pelejam por conservar velhas idéias. Embora livres e felizes as nossas índias, eram estorvo à civilização que se anunciava vitoriosa naqueles dias.

— Pare nas digressões. Você quer que voltemos ao primitivismo e aceita a destruição do velho, do rotineiro, do arcaico, do desusado.

— O homem civilizado pode servir-se de armas arcaicas. O cérebro bem dirigido reprova, aceita, ou condena métodos e caminhos. Estudando e analisando meios e fins, podemos ajustar o simples ao evoluído, e assim colhermos os mais eficientes resultados. No caso do Amazonas, não é o máximo, é o mínimo que a sua população reclama.

— Você está me impressionando...

## O CANTO V DO INFERNO DE DANTE

São numerosos os pedidos que nos chegam para reeditarmos em nossas colunas alguns dos trabalhos mais importantes que tivemos ocasião de dar na primeira fase desta publicação (1941-1945). Aham-se completamente esgotados, atingindo altos preços, os cento e poucos fascículos daquela primeira fase. E por isso compreendemos a insistência com que nos é pedida a reprodução, nas páginas que estamos dando agora, de certos trabalhos mais valiosos publicados nas páginas da fase anterior.

Sendo assim, deliberamos atender, no que for possível, a esses pedidos. E já hoje apresentamos um dos mais formosos trabalhos que saíram na fase anterior de AUTORES E LIVROS: a tradução do canto V do "Inferno", de Dante, feita por Dante Milano.

Apareceu esse trabalho no volume segundo de AUTORES E LIVROS, pp. 138 e 139, e ficou sendo, sem dúvida, possível, a mais perfeita tradução daquele canto que existe em nossa língua.

Em números subsequentes, apresentaremos outros trabalhos dos mais significativos que demos na fase anterior.

— me diz — na terra outrora dominava, imperatriz de inensas regiões.

Do vício da luxúria feita escrava tornar legal seu crime determina para escapar a pecha que a inflamava.

Semiramis se chama e a História ensina que foi de Nino sucessora e esposa. Reinou onde o Sultão hoje domina.

Aquela outra (2) matou-se de amorosa traído a fé às cinzas de Siqueu, E esta é Cleópatra, a luxuriosa;

e Helena, por quem tanto se sofreu; e o grande Aquiles que na extrema lida com amor finalmente combateu;

Páris, Tristão... "E aponta, na descida, mais de mil almas no fatal degredo que por amor tinham perdido a vida.

Depois que o poeta me apontou com o dedo damas e heróis em triste companhia, a piedade me prostra e resto quôdo.

E digo: "De bom grado falaria àquelas duas que tão unidos vão e tão leves, no céu da ventania".

E êle: "Quando passarem perto, então para que venham até nós lhes pede pelo amor que os conduz, e êles virão".

Logo que o forte vento um pouco cede lhes grito: "O almas cheias de pecados vinde falar-nos, se ninguém o impede".

Como um casal de pombos namorados que amor ao ninho chama e em vão unido pelo mesmo desejo vão levados,

os dois saem da fila em que está Dido vindo a nós pelo espaço proceloso, tanto os moveu meu brado comovido.

"O' este humano que com ar piedoso fazas àquelas cuja vida impura deixou no mundo um rastro sanguinoso,

se Deus ouvisse a nossa voz obscura para ti pediríamos a paz pois tens pena da dor que nos tortura.

O nosso caso triste, se te apaz ouvir, te contarei agora aqui enquanto o vento mais sutil se faz.

Assenta a nobre terra em que nasci junto do mar no qual o Pó se estende com os tributários que acham paz ali.

Amor, que as almas puras logo prende, uniu a deste a minha carne antiga desfeita em modo tal que ainda me ofende.

Amor que o ser amado a amar obriga, uniu-me a êle num prazer tão forte que, como vês, de mim não se desliga.

Amor nos arrastou à mesma morte, Caína (3) espera o autor de tais ofensas". Suas queixas ouvimos de tal sorte.

Depois de ouvir aquelas almas densas a fronte curvo, e ao ver-me quôdo assim, o meu guia pergunta-me "Em que pensas?"

Num suspiro respondo-lhe: "Ai de mim, que vão desejo, que fugaz encanto os arrastou no doloroso fim.

Para os amantes volto-me entretanto, e começo: "Francesca, (4) os teus tormentos deixam-me triste e não contengo o pranto.

Mas, diz-me, ao tempo dos suspiros lentos por que sinais e gestos quis amor que se notassem seus sutis intentos?"

E ela: "Não há na vida maior dor que recordar-se do tempo feliz, na miséria. E isto sabe o teu mentor.

Mas para o conhecer desde a raiz o amor que nos uniu nesta carícia, farei como quem chora enquanto diz.

Nós liamos um dia, com delícia, de como a Lancelote (5) amor venceu. Estávamos a sós e sem malícia.

Por vezes seu olhar buscando o meu, corta a leitura, e fico descorada. Mas foi um ponto só que nos perdeu.

Quando lemos que a boca desejada fôra beijada pelo ansioso amante, este, a quem para sempre estou ligada,

beijou-me a boca, trêmulo, ofegante, E o livro, outro Galeoto, (6), interrompeu, não lemos mais, daquele dia em diante".

E enquanto assim a sombra ia dizendo, a outra chorava em tanto desconforto que eu desmaei como quem vai morrendo e tombou como tomba um corpo morto.

## NOTAS

- 1 — Vergílio, guia de Dante.
- 2 — Dido, esposa de Siqueu, a qual se mata por amor (V Canto IV da Eneida de Vergílio).
- 3 — Caína, 1.ª zona do 9.º círculo do Inferno, onde com Caín penam os fratricidas.
- 4 — Francesca, esposa de Giancioto Malatesta de Rimini, for amante de seu cunhado Paolo, com o qual seu marido a surpreendeu, matando a ambos.
- 5 — Cavaleiro da Távola Redonda, que amou a rainha Ginevra.
- 6 — Galeoto foi o medianeiro dos amores de Lancelote e Ginevra.

# A VIDA DOS LIVROS

Brito, Laurindo de — **Palavras ao Mundo** (Poesia). Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais". São Paulo, 1948. 145 páginas.

Conhecíamos o sr. Laurindo de Brito através do seu livro, de um lirismo triste e suave — "Caminhos da minha vida". Vemos agora que o poeta sentimental e apalxonado é também um poeta satírico, de inflexível dureza para os vícios e as fraquezas alheias. Demonstrem-nos tantas páginas desta nova coletânea — "O Chá da Casa Mapin", "O Enterro de 3.ª Classe", etc. Mais do que um livro de versos, estas "Palavras ao Mundo" são um livro de protesto, de indignação e de cólera.

Chostakowsky, Paulo. **História da Literatura Russa**. Instituto Progresso Editorial. São Paulo, 1949. 379 págs.

A grande literatura russa é, cremos que pela primeira vez, aqui apresentada ao leitor brasileiro. Coube aos russos um papel de real predominância, nos novos caminhos que a arte literária tomou no mundo, no século passado. Basta meditar um pouco acerca do influxo que na evolução do romance exerceu um Tolstói e sobretudo um Dostoiévsky, para bem sentir-se essa evidência. Mas a floração do gênio desses dois grandes mestres — e a de alguns outros, que se vulgarizaram em francês, e através do francês chegaram até nós, como

foi o caso de Turgueneff, de Gorki, de Gogol — representa apenas uma parte da intensa e imensa multiplicação de artistas literários, que existem na Rússia. É o que nos mostra Chostakowski neste formoso e agudo livro, agora trazido à meditação do leitor brasileiro.

Florence, Hercules — **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas. De 1825 a 1829**. Com 115 gravuras do Autor. Tradução do francês pelo Visconde de Taunay. 2.ª Edição. Edições Melhoramentos, São Paulo, 1948. 343 págs.

A "Viagem Fluvial" teve sua primeira publicação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, t. XXXVIII (1875). Só passou mais de meio século — em 1928 — veio o nome do escritor de novo à tona: apareceu na Revista do Museu Paulista (t. XVI, 1928) a primeira parte do seu obra. Treze anos depois, com uma introdução de Ataliba Florence, deu a Melhoramentos a primeira edição em forma de livro da narrativa de Hercules Florence.

Surgiu agora esta segunda edição, ornada de 115 gravuras, da autoria de Florence e de seu grande amigo e companheiro Adriano Taunay — ambos, como se sabe, desenhistas da expedição de Langsdorff.

Klinger, Jeneral. — **Ano VIII da Ortografia Simplificada Brasileira** (opúsculo). Imprensa Na-

cional. Rio de Janeiro — 1948. 115 págs.

É uma nova contribuição que o general Klinger traz à divulgação de suas idéias referentes à reforma ortográfica. O general Klinger, como se sabe, é um partidário extremado da fonética, e talvez, quem sabet com ele esteja a razão. É possível que daqui a um ou dois séculos (ou talvez menos), o português seja grafado como ele quer hoje. Se assim for, nesse remoto dia ele terá de certo estátua, nas praças públicas, e seu nome resplandecerá na radiosa galeria dos precursores.

Koestler, Artur — **Cruzada sem Cruz** — tradução de Berenice Xavier — Instituto Progresso Editorial, S. A., São Paulo, 1948. 328 págs.

É um romance de sofrimento e de angústia, no qual se projeta o drama da alma de um homem dos nossos dias. Koestler, o grande romancista húngaro, que já se tornou um nome da literatura universal, impregnou estas páginas de tal ansiedade, que delas saímos como que cobertos de inquietação, desesperados da vida, aflitos por encontrarmos uma outra solução mais lógica e menos trágica para os pobres destinos dos homens.

Monteiro, Jacy. — **Alma Rediviva** (poesia). "Of. Graf. Jornal do Brasil", 1947. 75 págs.

É uma fina e delicada

sensibilidade, a da autora desses versos. Embora muito moça ainda (é quasi uma adolescente), Jacy Monteiro não aderiu aos processos modernistas, tão em voga. Conservou-se fiel ao ritmo e à inspiração clássica, como o vemos, por exemplo, neste soneto:

## PAGEM MEDIEVAL

Tal um pagem vestido à [moda antiga,  
Chapeu com abas e vistosas plumas,  
Que o teu rosto formoso enfeita e abriga,  
Sob um raio de sol envolto [em brumas!

E' assim que vejo a tua [sombra amiga,  
E' assim que agora o meu [olhar deslumbra!  
Guapo pagem, vestido à [moda antiga,  
Chapeu com abas e vistosas [plumas!

Capa revolta flutuando ao vento!  
Sobre um belo corcel em [movimento,  
Com bordados de prata no [sacim!

Vejo-te, assim, na era em que vivemos  
Surgir igual a um guapo [espadachim  
Daquelles tempos que não [conhecemos.

Erik e Christiane von Kuehnelt Leddihn — **Moscou 1979** — Tradução de Raul de Polillo — Instituto Progresso Editorial — Coleção Oceano, 15 — 245 páginas — Cr\$ 40,00 — São Paulo — 1948.

Que é este livro? Um romance? Uma fantasia? Uma profecia? Um Sonho?... Dir-se-ia que invadimos o território de Júlio Verne ou de Welles, e estamos vendo os "novíssimos" do homem da terra.

Esses "novíssimos" estarão consumados em menos de 50 anos. Então o mundo se achará dividido em dois: o ocidente americano, cristão e tradicionalista; o Oriente russo, comunista e ateu. Roma terá caído, a capital da Cristandade terá sido mudada para o Hemisfério Ocidental. Dirige dos Estados Unidos a Igreja Católica um papa filipino... Eis o quadro, o grande

quadro do mundo, que serve de palco à ação imaginada pelos autores deste livro.

Mas a conclusão desse estranho *Moscou 1979* é confortadora: sobre as ruínas e as dores desse mundo atroz levanta-se, de novo, a sombra da cruz, a qual indica aos homens, como no Evangelho, o caminho da verdadeira vida, da paz, de redenção.

Schweitzer, Albert — **Decadência e Regeneração da Cultura** (Filosofia da Cultura. Conferências da série "Olava Peiri", feitas na Universidade de Uppsala, Suécia. Tradução, prefácio e notas de Pedro de Almeida Moura, professor da Universidade de São Paulo. Edições Melhoramentos, S. Paulo, 1948, 110 págs.

Alberto Schweitzer é, agora, cremos que pela primeira vez, traduzido para a nossa língua. Sua "Decadência e Regeneração da Cultura" representa um como exame de consciência filosófica do mundo contemporâneo. Suas conclusões são um brado em favor da regeneração do espírito dos homens pela eterna reserção da inteligência, do pensamento, do humanismo — da cultura, em uma palavra. Esses apelos, que em cada página de Schweitzer encontramos, ao sentimento moral do homem, ao seu instinto de progresso e de aperfeiçoamento, de solidariedade e de humanização (se assim podemos dizer), dão à "Decadência e Regeneração da Cultura" o aspecto dramático de ser um eco da consciência de cada um de nós. Eis o que resume o que seja e o que valha esta obra do universalista e filósofo alemão e eminente tradutor brasileiro:

"Afirmamos, pois, sem receio de errar, que o livro de Schweitzer, pela sua penetração, pela sua simplicidade austera e pela grandeza dos seus propósitos, é digno de figurar ao lado, e completa de alguma forma a visão de Emery Reves, na "Anatomia da Paz". Reves traça o diagnóstico. Schweitzer, antecipando-o (Continua na pág. 113)

## UM LIVRO FUNDAMENTAL

Uma Edição I.P.E.

pelo conhecimento da nossa História

MEMÓRIAS DO VISCONDE DE TAUNAY

EM TODAS AS LIVRARIAS

O retrato de figuras primordiais da História do Brasil por um dos maiores historiadores do segundo império. Esse livro ficou guardado por cinquenta anos no cofre de sigilo do Instituto Histórico Brasileiro.



PEDIR PELO REEMBOLSO POSTAL - CAIXA POSTAL 3381 - SÃO PAULO

## Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 457

Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas da Estão pelos centros de consumo do país e do exterior

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 38 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito .....	Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado .....	Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva .....	Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL  
Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelaria, 9 - s/301  
Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado N.º 180 s/209

Sob a direção do ilustre e benemérito industrial pernambucano Sr. José Pessoa de Queiroz, a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco vem realizando um esforço digno da mais alta admiração em prol da indústria açucareira nordestina.

Este ano registra a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacos de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

O Conselho da Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim organizado:  
Diretor-Presidente: José Pessoa de Queiroz; Diretores-Tesoureiros: Wálfrido Russel Shorto; Diretor-Secretário: Filinto de Miranda.

Diretores: Joaquim Bandeira e Mario Monteiro.



# "O CORVO", DE EDGAR POE

V — Tradução de ESCRAGNOLLE DORIA

Certa vez, ao bater de meia-noite,  
Que das deshoras o silêncio quebra,  
Cabeceando, eu sofria o duplo golpe  
Do sono e do cansaço em mole alquebra.  
Em manuseio tinha afarrabios anaes  
Onde velho saber lia lições  
Quando a porta senti branda pancada,  
Mas sem o percussor das empuxões.  
Disse comigo: — Coisa de noitada...  
Talvez alguém que bate ou passa, nada mais.

Ah! de tal hoje faça ainda memória!  
Era em dias do gelido dezembro;  
Cada tição do lar em luxúria  
Chama-se a apagando, bem me lembro.  
Ah! chegada do sol em raios triunfais  
A alma deseja e quer; mas lenitivo  
Nenhum dos livros meus, de tantos, dera  
A morte de Lenora. Dela o vivo  
Nome, dizemo-n'os os anjos muita espera;  
Na terra já ninguém o dirá, nunca mais!

As cortinas de seda num balouço  
Sutil, num remexer sem menor vento,  
Punham-me o coração em alvoroço,  
Estranho e não sabido movimento.  
Para acalmar do peito os tremores mortaes,  
Segredava-me, a mim mesmo: — É, de certo,  
Qualquer pessoa que demanda a porta:  
Uma visita, e ela me está bem perto.  
Para junto d'aqui já se transporta.  
É uma simples visita apenas, ninguém mais.

Revesti a minha alma de firmeza;  
Banindo o vacilar, falei dest'arte:  
— Senhora ou meu senhor, peço a fineza  
Do seu perdão pela tardança. A parte  
Da verdade no caso ei-la em razões leaes:  
Eu dormitava quando a sua leve  
Mão pelo humbral passou: mas de ligeiro  
Não quis pôr-me despreito um golpe breve—  
Abro a porta, de par em par: fronteiro  
As trevas lico, fico às trevas, nada mais.

Esguadrinhando a sombra, largo tempo,  
Três cousas sinto: enleio, assombro e medo.  
Em sonhos sobrehumanos eu me atempo  
A pressentir das trevas o segredo.  
De romper-se a mudez não houve ali sinais;  
Uma única palavra de meu lábio.  
Saíu, entrando no ar feita em mil vezes—  
Lenora—murmurei; tal nome sabe-o  
Meu ser fraterno; tomam-n'os as velozes  
Aas do éco, que diz: Lenora!—nada mais.

Volto ao quarto, no ser fogo fremente,  
Quando ressoa uma pancada, certa,  
Crescida em timbre, nítida, potente,  
Que os sentidos acorda e põe de alerta.  
— Alguma cousa abala os janeais; de tais  
Mistérios exploramos os arcanos  
Socega o ânimo em sustos repartido—  
Digo a mim mesmo—firma os soberanos  
Dilames da razão, toma sentido,  
Escuta—Zune o vento, o vento, nada mais.

As escancaras deixo em a janela,  
Por onde vi entrar, com todo o aninhão,

Um magostoso corvo, uma ave aquela  
Digna das grandes épocas de antanho.  
Não revelou desdém, hesitação. Sinais  
Dum lord ou duma lady tinha o corvo  
Que abre as asas e, a porta se acimando,  
Empoletra-se branco, feio e torvo  
Sobre um busto de Pallas se abaninhando,  
E trepado se queda, imóvel, nada mais.

Mas o pássaro negro deu-me riso,  
Tão rígida era nele a compostura,  
Grave, saturnina, séria. De improviso,  
Pux-me a rir da bizarra creatura  
Que transpuzera assim meus defesos humbraes;  
Depois falei—Tu tens a crista nua,  
Chegas de longe, das noturnas praias:  
Não és um corvo pávido, mas tua  
Fama, teu nome, diz, p'ra que saias  
Do mistério.—E o senhor corvo diz:  
"Nunca mais!"

Pasmado, ouvindo tamanha maravilha  
Nas expressões estranhas do volátil,  
Embora essa resposta fosse filha  
Irracional da confusão versátil,  
Pois jámais um vivente há visto os penetraes  
Do lar transposto por um corvo triste,  
Uma ave toda negra, em mudo posto  
Sobre um busto de bronze, de onde assiste  
A estas três cousas: par, luto e repouso.  
Sabeis duma ave assim, de alcunha "Nunca mais!"

O corvo, de poleiro no alto busto,  
Nada mais disse, tanto se esgotado  
A alma tivesse, proferindo a custo  
O Nunca mais falídico e malvado.  
Calei-me, a ave calou-se; em pausas sepulcraes,  
Eu disse então:—Quanto amigos fóra  
Do meu convívio contol! Este, que é novo,  
Fugitivo também se há de ir embora,  
Qual tantas esperanças sem renovo—  
Pôs-se o corvo a dizer outra vez:  
"Nunca mais!"

Um vago estremecer corre os meus nervos,  
Não de molde parece esta resposta.  
A palavra do corvo nos acervos  
Da memória talvez lha fosse posta  
Pelo firme tratar e pelos habituais  
Conselhos dalgum mestre desditoso,  
Zurrido pelo horror do desespero.  
E tanto assim sucede que o saudoso  
Corvo um só estribilho com exagero  
Sabe, fala e repete e sempre: "Nunca mais!"

Segundo riso já me enflora a idéia  
E sento-me, a pensar, numa poltrona,  
Tendo ante mim por única assembleia  
A porta, o corvo e o busto de Bellona.  
Encadeando o fio às clemas naturais,  
Busco achar uma chave para o enigma,  
Resolver o sentido impenetrável  
Que na memória punham por stigma  
As palavras do pássaro implacável,  
Sem cessar crocitolando o eterno "Nunca mais!"

Conjecturas eu formo em desatogo,  
A boca se conserva taciturna;  
Mas do pássaro os olhos, todos fogo,  
Me requeimam naquela paz soturna.  
Na rede do clemar prendo sonhos mortaes  
Com a cabeça pendida bem a gosto  
Sobre vetudes dum coxim, que ao peso  
De Lenora, não mais será exposto.  
Como dantes, quando ela tinha o veso  
De ai ficar, Lenora, ai ficar! Nunca mais!

Afigura-se o ar muito mais denso  
E perfumoso, grúas a invisível  
Turbulão a soltar aroma e inectos  
Nas mãos de serafins, cujo frangível  
Pé muito mal sofria os deslizes terrais.  
— Miserável, disse eu, Deus bem me ouve,  
Por seus anjos me dando a deslembração,  
O repouso melhor que jamais houve.  
Bebe, oh! bebe o nepentes sem tardança,  
Esquece de Lenora.—E ele diz: "Nunca mais!"

—Tu, augure de males, tu, profeta,  
Ser infernal ou pássaro ou demonio  
Já que me vens do Averno em linha réta,  
Desfalcando a Satan seu patrimonio.  
Já que chegaste aqui na aza dos temporais,  
Procurando o refugio em domicilio  
Onde mora o pavor; eu te depreco.  
Dize: pôde contar-se com o auxilio  
Dum balsamo da vida—Diz num éco  
O corvo a mesma cousa, o mesmo "Nunca mais!"

Oh! sinistro profeta de mil males,  
Oh! pássaro, oh! demonio, oh! ave feia,  
Si me queres mostrar tu quanto vales,  
Pelo empirio que sobre nós se ardeia.  
Pelo Eterno que adoro, e tu comigo, quais  
Serão as minhas esperanças, fala,  
Afirma-me se posso por agora  
Ter nos braços a virgem que na escala  
Celeste os anjos chamam de Lenora?—  
O corvo respondeu: "Não podes, nunca mais!"

—Esta palavra só nos causa dano  
Ave calamitosa, ser perverso,  
Volta p'ra noite. Nenhum ser humano  
Te irá buscar. Abre o voo, o universo  
É teu, é teu, regressa aos dominios fataes  
Donde saístes volta à tempestade.  
Não tenhas uma só pena partida  
Por arria do mentir, que, da maldade,  
Me propina tua alma fementida.—  
O corvo retorquiu apenas: "Nunca mais!"

O corvo, sem macher as asas, queda  
Sobre o busto de Pallas, qual vigia  
A porta do meu quarto; não se arreda  
O seu olhar; porém, vendo-o, dir-se-lha  
O olhar dum diabo imerso em clemas internas  
A luz do candelabro dá-lhe em cheio,  
Sobre o chão os contornos lha desenha  
Minha alma desta sombra bem no meio  
Debalde por fugir ali se empenha  
A alma jamais se livra, oh! nunca, nunca mais!

("Atenêda" — Ns. 8, 9, 10 — Ano 1.º — págs. 193/4)

## VI — Primeira tradução de JOÃO KOPKE (em prosa)

Uma vez, por volta da meia noite, hora triste,  
enquanto alquebrado pela fadiga e cheio de tédio, eu  
meditava sobre vários e vários vñhmes, exquisto e curio-  
so, de letras hoje esquecidas, quando, já a cochilar,  
quase passava pelo sono, chegaram-me de repente, ao  
ouvido, umas pancadinhas repetidas como de alguém,  
que de mansinho batesse, batesse à porta do meu quarto.  
"E' alguém", disse eu comigo, "é alguém, que bate  
à porta do meu quarto... Há de ser isso, e nada mais!"

Ah, lembra-me perfeitamente! — era em Dezem-  
bro, o mês das invernaes, e a cada brass, que por  
sua vez, se ia apagando, estampava no chão o seu es-  
pectro. Estava eu morto por que amanhecesse; em  
vão procurava tirar, dos meus livros, alívio à saudade,  
— saudade de Lenora, que perdiera, — da rara e ra-  
diança virgem, a quem os anjos chamam Lenora. —  
e home aqui na terra não terá jamais.

E o sedoso, triste, incerto farfalhar de cada pano  
das cortinas roxas fazia-me tremer, — aninha-me de  
terrores fantásticos, que nunca dantes sentira; de  
modo que, então, por quedar o bater ao coração, fiquei  
a repetir: "E' alguém, que bate à porta do meu quarto  
— alguém que a deshoras vem bater à porta do meu  
quarto; é isso, e nada mais!"

Minha alma sentiu-se, de tal após, mais forte; sem  
mais hesitar, então, "Senhor", disse eu, "ou senhora,  
peço-vos sinceramente perdão; mas a verdade é que eu  
ia a passar pelo sono e vós batestes tão devagarinho,  
tão de leve batestes, batestes à porta do meu quarto,  
que eu nem quase certeza tinha de o haver ouvido".  
E, em tal dizendo, escancarei a porta: lá fóra — es-  
curidão, e nada mais.

Fundo naquela escuridão cravando os olhos, esti-  
ve por longo tempo ali, a pensar, apavorado, em dúvi-  
da, sonhando sonhos, que mortal nenhum antes de  
mim ousou sonhar; mas o silêncio persistia, e, de nada,  
a escuridão, indolente dava; e a única palavra, que ali  
se proferia, era apenas, em murmúrio, a palavra "Le-  
nora". Essa era eu que a murmurava, e o éco, mur-  
murando, repetia a palavra "Lenora!". Isto simples-  
mente, e nada mais.

Outra vez voltando para o quarto com a alma toda  
a arder dentro de mim, dali a pouco ouvi de novo ba-  
ter de leve, um tanto mais alto que primeiro: "Com  
certeza", disse eu, "com certeza, o que ouço agora é a  
gelosia da janela: vou ver o que ali há e apurar que  
mistério é este. Que meu corpo se quede por um mo-  
mento, e apure que mistério é este. E' o vento, e nada  
mais!"

Abri, então, bruscamente a janela, e, eis que, com  
giro e adejo rápido, entrou por ela a dentro um majes-  
toso corvo dos bons tempos de outrora. Nem a menor  
cortesia fez ele; nem por um instante se deteve ou  
parou; mas, com ares de fidalgo ou fidalga, empolei-  
rou-se por sobre a porta do meu quarto; empolei-  
rou-se num busto de Pallas, justamente por cima da mi-  
nha porta; empoleirou-se, deixou-se estar, e nada  
mais.

Aí, como esta ave negra cambiasse em rino a minha  
triste fantasia pelo grave e áustero decoro, que na  
aparência mostrava: "Embora lassado cerce tragas o  
penacho, tu", disse eu, "não és, com certeza, um co-  
varde, oh, velho corvo, lúgubre e horripitante, que an-  
das tremealhado das regiões da noite. Dize-me, pois,  
qual é o teu título de nobreza nas regiões plutónicas  
da noite?" Disse o corvo: "Nunca mais!"

Muito maravilhado, fiquei ao ouvir esta ave des-  
graciada falar tão claramente, conquanto sua resposta  
pouco sentido, pouco alcançe tivesse, porque não po-  
demos deixar de convir em que nenhuma creatura hu-  
mana nesta vida jamais teve a felicidade de ver pou-  
sado sobre a porta do seu quarto, empoletrado sobre o  
busto escultórico, que encima a porta do seu quarto,  
ave ou animal por nome "Nunca mais!"

Estranhando a mudez, que tão pertinente res-  
posta assim interrompia: "Sem dúvida", disse eu, "as  
palavras, que profere, são todo o cabedal, que lhas fi-  
cou da convivência com algum dono infeliz, sobre quem  
desastres inclementes caíram uma após outras com ra-  
pidez crescentes até dar-lhe as cantigas por constantes  
estribilho, — até que as lamentações do seu despe-  
ro se rematassam sempre pelo triste estribilho "Nunca  
mais! Nunca mais!"

ro se rematassam sempre pelo triste estribilho "Nunca  
mais! Nunca mais!"

Mas o corvo, pousoado solitário sobre o plácido  
busto, só disse essas únicas palavras, como se a sua  
alma nessas únicas palavras houvesse vertido. Nada  
mais então disse, — nem uma pena sacudiu até que  
eu, mal e mal, pouco mais que murmurei: "Outros  
amigos já se me tem ido; ao amanhecer este me de-  
zará como as minhas esperanças se me foram". Torna,  
a isso, a ave: "Nunca mais!"

Cambiando, porém, o corvo novamente em sorriso  
toda a tristeza à minha alma, fiz de pronto rodar um  
assento acolchoado para defronte e da ave e do busto  
e da porta; e, então, no veludo afundando, entrei a  
ajustar fantasia a fantasia para ver se atinava com  
o que esta ave de outros tempos, com o que esta feia,  
desengraçada, lúgubre, convelrada e agrirenta, ave de  
outros tempos queria dizer com "gramar" "Nunca mais!"

Estava eu assentado a querer com isto atinar, sem,  
contudo, coisa alguma dizer à ave, cujos olhos de fogo,  
então, me ardiam no âmago do seio; — láto, e outras  
coisas mais, estava assentado a querer decifrar, com a  
cabeça comodamente reclinada na capa de veludo do  
coxim sobre que a luz da lâmpada caía como um olhar  
cúpido, cada de veludo roxo, sobre que a luz da lâmpada  
caía como um olhar cúpido, e que ela não mais há de  
premer — ah, nunca mais!

Fareceu-me, neste ponto, que o ar se tornava mais  
denso, porque o perfumava um turbilho invisível, agi-  
tado por serafins, cujos passos ecoavam titilantes no  
chão alcatifado. "Desgraciado", exclamei, teu Deus te  
empresta, — por estes anjos te mandam fregua — tré-  
gua e olvido às saudades de Lenora! Traga á, traga a  
tapa d'este olvido benéfico e esquece esta Lenora que  
perdeste!" Disse o corvo: "Nunca mais!"

"Profeta!" disse eu, "creatura fatal! — profeta  
ainda assim, quer ave, quer demonio! Ou venhas in-  
cumbido de tentar-me ou te haja a tempestade, lança-  
do a estas plagas, desolado, mas indomito sempre, —  
(Continua na página 112)

# Poesias de Olavo Bilac

## A Antonio Parreiras

O verdes, verdes horas passageiras  
Do Amor! verdes planícies da Ventura!  
No vosso encanto, que tão pouco dura,  
Sóis verdes como as serras brasileiras...

Aqui, na glória de viver, Parreiras,  
Muitos, — neste infinito de ventura,  
Verão que o próprio coração fulgura,  
Verde, no clarão das ilusões primeltas...

Mas, diante dessas telas, alguns dia,  
Virão parar, mirando-as tristemente,  
Almas defuntas, corações fanados:

E, aí! paisagens da Vida e da Alegria!  
Como esse verde de Esperança ardente  
Tortura as almas dos desaperçados!

(“A Brasa” de 11-12-1896)

III

Ninguém respeita mais o Vaticano — a gruta,  
Onde à custa dos crentes, é “cevado” o papa.  
Onde ele passa bem e onde a igreja encapa  
O leito em que ele beija a linda prostituta.

Ninguém mais crê, por certo, em sua absoluta  
Providência infalível, a que nada escapa,  
Ninguém lhe beija mais a maculada capa  
E o roxo anel, que brilha em sua mão poluta.

Não há que ver, oh! Deus, tu foste desprezado!  
Não vales já, por certo, o que valeste outrora,  
E podes muito bem ser hoje dispensado...

“Fugindo, deixas tu aparecer a aurora  
Dos “Novos Ideais” — em vez do altar dourado,  
Em vez dos templos teus, a ESCOLA existe agora!

(Eloy Pontes — A Vida Exuberante de Olavo Bilac  
— Pág. 48)

Eu penso em ti, compondo esta canção florida,  
Que quizesa enviar-te, oh! minha flor querida!  
Escrita a tinta azul nas pétalas dum lírio.

(Idem — Pág. 63)

## Amanhecer

Desponta a rubra aurora e surge, enfim, o dia...  
Aos poucos se dissipa a trêmula neblina,  
E, lentamente, a luz argentea e matutina,  
Se espalha, em turbilhões, na terra úmida e fria.

Há como uma expansão de súbita alegria,  
Em toda a atmosfera, alegre e purpurina,  
Desponta a rubra aurora e surge, enfim, o dia.

Aos poucos se dissipa a trêmula neblina...  
Sacode a verde cama, a vasta amarilla,  
Desperta o sol a rir na cama coralina,

E sóa pelo espaço a branda cavatina,  
Que o cenário gorgoeja, em ondas de harmonia,  
Desperta a rubra aurora e surge, enfim, o dia.

(Idem — Pág. 63)

## DEUS

I

Dizem que és grande, oh! Deus, que és onipotente.  
Que és grande o teu império e grande o teu poder,  
Que tudo de ti vem, que tudo a ti vai ter,  
Que és sábio e justiciero e que és onisciente.

Não creio em ti! oh! não! o teu poder ingente  
Não posso admitir, nem posso conceber,  
Que tu existas, Deus, somente podem crer  
A mente dum carola, o cérebro dum vidente.

Vai longe, muito longe, o tempo em que este mundo,  
Ante o sagrado altar servil se ajoelhava,  
E tinha-te um respeito umílimo e profundo.

Poste batido, oh! Deus! pela atrevida clava  
Do homem da ciência, e num abismo fundo  
Roteou contigo o clero — a padaria ignava!

II

Foram-se as procissões, serenas, serias, lentas,  
Mas burlescas também, que a passo e gravemente  
Iam mostrando ao povo, ao pobre povo crente,  
Do Cristo as magras formas, nuas, macilentas.

O poder — abutir vil, que tem garras cruentas,  
Que finge piedade e finge amor ardente,  
A tudo quanto é bom — hipócrita que mente,  
Que rouba e que pratica ações das mais nojentas.

Que abuse da donzela, a que deshonra a esposa,  
Que infama da família e lar sagrado e santo  
Que vai manchando tudo aquilo em que a mão pousa.

Oculto pela igreja, em negro e denso manto —  
É hoje reputado a benta pavozona,  
Que pelo mundo espalha a dor, o luto, o pranto!

## Sortilegio

Nunca sentiu por certo esta janelã  
O peso do seu corpo idolatrado:  
Nunca ela esteve aqui, neste encantado  
Retiro, e tudo aqui me fala dela.

Nunca este espelho refletiu-lhe a bela  
Estatura, e lhe guarda o vulto amado...  
Nunca aqui esteve — é certo... — e julgo vê-la  
E sinto o seu aroma delicado...

Não sei porque motivo, quer ausente  
Ou junto a mim, esteja, eternamente  
Ao meu lado parece-me avistá-la...

Vejo-lhe a boca, e aqui nunca ela veio  
Vejo-lhe agora o olhar, vejo-lhe o seio  
E tudo, entanto, aqui dela me fala!

(Idem — Pág. 65)

## Canção florida

Lá fora a natureza, alegre e verdejante,  
Expande-se ao calor do sol da primavera...  
Gorgoeja a pastatua, um conto enebriante,  
E como que sorri contente a atmosfera.

Parece que a campina, esplendida e brilhante,  
Em vestir-se de rosa e de jasmim se empenha,  
Como a noiva gentil que, trêmula e hesitante,  
Com cuidado se veste e o lindo noivo espera...

E enquanto, em frente a mim, duas pombinhas mansas,  
Mais brancas do que a alma ingénua das crianças,  
Conversam sobre amor, beijando-se em delírio...

## “O CORVO”, DE EDGAR POE

(Continuação da página 111)

ao ermo desta terra encantada, — a este ar, que o ter-  
ror assombra, — fala-me a verdade, eu to imploro, —  
há, há bálsamo em Olíad? diz-me, diz-me, eu te  
imploro!” Disse o corvo, “Nunca mais!”

“Profeta”, disse eu, “creatura fatal! — profeta  
ainda assim, quer ave, quer demônio! Por aquele céu,  
que se arqueia sobre nós, — por aquele Deus, que am-  
bos adoramos, diz a esta alma de mágoa acabrunha-  
da, se, lá no distante Eden, abraçará ela uma virgem  
santificada, a quem os anjos chamam Lenora! Abra-  
çará uma linda e radiante virgem, a quem os anjos  
chamam Lenora!” Disse o corvo, “Nunca mais!”

“Que sejam essas palavras o sinal da nossa despe-  
dida, ave ou inimigo!” gritei eu, pondo-me em pé.  
“Volta à tempestade e às regiões plútônicas da noite!  
Não deixes nem uma só negra pluma em testemunho  
dessa mentira que a tua alma disse! Não perturbes a  
minha solidão! Sai-te do busto, que encima a minha  
portal! Tira teu bico de dentro do meu coração e tira  
o teu vulto de cima da minha porta!” Disse o corvo,  
“Nunca mais!”

E o corvo, sem se mover, ainda pousado está, ain-  
da pousado está sobre a pálido busto de Pallas, bem  
por cima da porta do meu quarto; e seus olhos têm  
toda a aparência dos de um demônio, que está sonhan-  
do; e a luz da lâmpada, caindo sobre ele, projetá-lhe  
no chão a sombra; e minha alma, dessa sombra, que  
está a flutuar no chão, não se erguera nunca mais!

(“Revista do Brasil” — Vol. IV — Janeiro-Abril  
de 1917 — págs. 70-82).

## A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pág. 110)

de trinta anos, prevê os re-  
médios e propõe a cura.  
Mercedor de estudo e de  
meditação, não é autor que  
caia no esquecimento; pas-  
sa a fazer parte integrante  
do patrimônio cultural do  
leitor”. São as palavras do  
dr. Pedro de Almeida  
Moura.

Caricatura dos Tempos,  
de Belmonte.

As “Edições Melhoramen-  
tos” vão lançar no próximo  
mês de outubro, um album  
reunindo as caricaturas de  
Belmonte sobre os sucessos  
internacionais, e principal-  
mente, sobre os motivos da  
última guerra. Esse album  
terá 112 páginas, formato  
18x23 cms. e incluirá, no  
início um relato cronoló-  
gico dos principais aconte-  
cimentos internacionais de  
1929 a 1946, bem como da  
Força Expedicionária Bra-  
sileira na Europa.

Colégio, Revista de  
Cultura e Arte — Ano I,  
n. 2 — São Paulo, Julho  
de 1948.

São Paulo pode orgulhar-  
se de possuir, hoje, uma re-  
vista que é verdadeiramen-  
te de cultura e arte. Está  
no seu segundo número, e

já parece insubstituível no  
quadro dos nossos valores  
espirituais. E a sua signi-  
ficação resalta ainda maior  
por ser uma revista de mo-  
ço. Em suas colunas, real-  
mente, estão falando ho-  
memes novos, estão palpan-  
do consciências novas — as  
consciências dos homens de  
um novo Brasil. É claro  
que nela também se abri-  
gam valores consagrados —  
e aqui mesmo, neste segun-  
do número, encontramos os  
nomes de Cassiano Ricardo,  
Otávio de Faria, A. F.  
Schmidt, J. G. Vieira.  
Mas, ao lado desses, quan-  
tos autores novos, cujos no-  
mes vemos ou ouvimos pela  
primeira vez, e que subs-  
crevem trabalhos substan-  
ciais. Entre esses citaremos  
Roland Corbisier, com o seu  
vigoroso trabalho — “Res-  
ponsabilidade das Elites” e  
Francisco Brusilero, com a  
sua “Contribuição à Etno-  
grafia Brasileira”.

Parabéns a São Paulo,  
parabéns ao Brasil, pelo  
aparecimento e pela vitória  
de “Colégio”.

Recebidos:  
— Brito, Chermont de —  
Calm (Romance) — Irmãos  
Pongetti — Rio, 1947, 186  
págs.

— Cadernos de Folclore  
n. 1 — Poesias e adivinhas.  
Colectadas pelo sr. Ros-  
sini Tavares de Lima. Capa

de Tarilla. Desenhos de Os-  
vald de Andrade Filho. Di-  
visão de Turismo e Expan-  
são Cultural. São Paulo,  
1947.

— Caderno de Turismo  
n. 1 — Banhaem — De-  
partamento Estadual de In-  
formações (Divisão de Tu-  
rismo e Expansão Cultural).  
São Paulo, 1947. Texto de  
Helo Domante. Fotografias  
de T. Preising. Mapa ilus-  
trado por Tarilla.

— Goethe — Afinidades  
Electivas. Traduzido do ale-  
mão, da edição do prof.  
Karl Heimann, Outubro,  
1940 (Leipzig und Wiene  
Bibliographisches Institut)  
por Conceição G. Sotto  
Major Coleção. As Com-  
Obras Primas da Literatu-  
ra Universal. Irmãos Pon-  
getti, Rio, 1948, 316 págs.

— Novelli Junior — Pa-  
dre Bento — Conferência  
realizada no Salão Don An-  
tonio Joaquim de Melo em  
Itá, a 15 de maio de 1948.  
Rio de Janeiro, Imprensa  
Nacional, 1948.

— Pena Junior, Afonso —  
A Sucessão de Afrânio  
Peixoto na Academia Bra-  
sileira de Letras. Discursos  
dos srs. — e Alceu Amoroso  
Lima. — Oficinas Grá-  
ficas da Revista “Antena” —  
Rio, 1948, 85 ps. com  
gravuras.

— São Paulo de Ontem,  
de Hoje e de Amanhã —  
Boletim do Departamento

## Os “Anais Pernambucanos”

Foi apresentado à Câmara  
dos Deputados, pelo Sr. Costa  
Pinto, um projeto autorizando  
a abertura do crédito de 500  
mil cruzeiros para a publica-  
ção da obra de Pereira da Cos-  
ta — os Anais Pernambucanos.

Como se sabe, essa é, talvez,  
a mais vasta e a mais impor-  
tante das obras daquela histo-  
riador. Mas encontra-se iné-  
dita.

Homem pobre, como era, Pe-  
reira da Costa nunca pôde dar  
execução ao seu grande sonho,  
que seria editar os volumes dos  
seus meritosos Anais. Por sua  
morte, passaram os originaes a  
pertencer ao Estado de Per-  
nambuco.

Estadual de Informações.  
Ano VII — Janeiro a maio  
de 1947, n. 22.

É uma publicação oficial,  
de distribuição gratuita. Fora  
suspensa em seu  
número 21.

Sairam mais:

— Ano VII, n. 23 — Ju-  
nho de 1947.

— Ano VII, n. 24 — Ju-  
lho de 1947.

— Ano VII, n. 25 —  
Agosto de 1947.

— Ano VII, n. 26 —  
Outubro de 1947.

— Ano VII, n. 27 — No-  
vembro de 1947.

— Ano VII, n. 28 — De-  
zembro de 1947 — Janeiro  
de 1948.

Os Anais Pernambucanos  
nambuco. E ainda se acham  
hoje, depositados na biblioteca  
pública do Estado.

Formam os manuscritos dos  
Anais Pernambucanos uma co-  
leção rica de papel. Corres-  
pondem a sete volumes de suas  
quinhentas páginas cada um —  
um total, pois, de 3.500 pági-  
nas. Nelas está resuscitado to-  
do o passado do Leão do Norte,  
desde as épocas de Duarte Co-  
elho até o ano 1850, que foi o  
que Pereira da Costa tomou  
como termo final de suas pes-  
quisas.

O projeto, que interessa vi-  
vamente à cultura brasileira,  
desperta natural entusiasmo no  
espírito de todos os estudiosos.

Torna-se urgente prestarmos  
ao paciente, honesto, incansá-  
vel pesquisador da vida e da  
alma pernambucana a homena-  
gem de, afinal, lhe darmos pu-  
blicação nos seus preciosíssimos  
Anais.

## JOHN DOS PASSOS

Chegou ao Rio no sábado,  
12 do corrente, o escritor por-  
to-americo John dos Passos.  
Foi recebido carinhosamente  
pelos brasileiros, e entre as ho-  
menagens que aqui lhe foram  
tributadas, destacou-se a re-  
cepção que lhe ofereceu o sr.  
José Tomaz Nabuco.

Também veio em visita ao  
Rio, com John dos Passos, Ale-  
xander Calder.